

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Priscila dos Santos Barbalho

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS SABERES NA
PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO CURSO DE
PEDAGOGIA**

BRASÍLIA, 2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Priscila dos Santos Barbalho

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS SABERES NA
PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO CURSO DE
PEDAGOGIA**

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia, à
Comissão Examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília,
sob a orientação da Professora Dra.
Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

BRASÍLIA, 2012

Priscila dos Santos Barbalho

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS SABERES NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia, à
Comissão Examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília,
sob a orientação da Professora Dra.
Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Dra. Iglê Moura Paz Ribeiro (Examinadora)

Instituto Superior de Ensino Nossa Senhora de Fátima

Dra. Cláudia Dansa (Examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA, 2012

Priscila dos Santos Barbalho

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS SABERES NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia, à
Comissão Examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília,
sob a orientação da Professora Dra.
Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Dra. Iglê Moura Paz Ribeiro (Examinadora)

Instituto Superior de Ensino Nossa Senhora de Fátima

Dra. Cláudia Dansa (Examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA, 2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua proteção e sua presença na minha vida, por me dar forças para realizar meus sonhos e me faz seguir em frente superando dificuldades e em busca de sabedoria e paz;

Aos meus pais João e Ana por me darem a oportunidade da vida e de muitos aprendizados;

Em especial às minhas irmãs e a minha sobrinha que são minhas luzes fontes de energia;

Ao meu amor tão companheiro, um presente de Deus;

Aos meus queridos alunos que me fazem acreditar na Educação para vivermos num mundo melhor;

Ao todas as pessoas que passaram por minha vida e que de alguma maneira me apoiaram, contribuindo para o meu sucesso;

Aos meus professores e colegas da Universidade de Brasília que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico no decorrer da graduação;

À minha orientadora, Teresa Cristina, por aceitar me orientar com tamanha competência, atenção e carinho;

Aos professores doutores, Iglê Ribeiro e Cláudia Dansa, por aceitarem meu convite para a composição da banca examinadora que muito contribuirá para o meu desenvolvimento acadêmico e agregará valor ao meu trabalho;

Um agradecimento especial para a professora doutora Iglê, também minha colega de trabalho, que me proporcionou participar do Projeto Rondon e vivenciar várias experiências valiosas, me fazendo ir em busca da transferência para a Universidade de Brasília o que acrescentou muitas aprendizagens na minha graduação;

Aos participantes da pesquisa, que muito colaboraram para o meu trabalho;

Dedico esse trabalho à minha família, que sempre esteve presente em minha vida me apoiando em todos os momentos; a todas as pessoas que passaram por ela e que de alguma maneira contribuíram com o meu sucesso, e aos mestres, que fizeram parte da minha formação, fazendo com que eu acreditasse no poder transformador da educação.

Me movo como educador, porque, primeiro me movo como gente.

Paulo Freire

BARBALHO, Priscila dos Santos. **Representações Sociais dos Saberes na perspectiva de Estudantes do curso de Pedagogia**. Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2012.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as representações sociais de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília sobre os saberes. Objetiva identificar as representações sociais destes universitários sobre os saberes; e compreender o significado das palavras consideradas como mais importantes pelos estudantes universitários sobre os saberes. Para a sua realização, utilizou-se o método exploratório descritivo analítico. Aplicou-se um questionário e um roteiro de entrevista como instrumentos de coleta de dados. Participaram da pesquisa 68 estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. A investigação deste trabalho centra-se na Teoria das Representações Sociais, bem como suas relações com os saberes e com a educação. A partir da análise dos dados levantados tratados à luz da teoria estudada, foi possível constatar que o grupo de universitários possui representações sociais diferentes sobre os saberes; e conseguiu-se verificar uma desvalorização do saber do senso comum em relação ao conhecimento científico, onde 15 respostas valorizam o saber científico e 12 respostas valorizam o saber popular. Conclui-se que a palavra conhecimento foi considerada o núcleo central das Representações Sociais dos Saberes.

Palavras-chave: Representações Sociais; Saberes; Educação

ABSTRACT

This research investigates the social representations of students from the Faculty of Education at the University of Brasilia about knowledge. It aims to identify the social representations of knowledge about the university, and understand the meaning of words considered most important by students about knowledge. For its realization, we used the exploratory descriptive analytic method. Applied a questionnaire and an interview guide as instruments of data collection. There were

68 students of the Faculty of Education at the University of Brasilia. The investigation of this research focuses on the social representations theory as well as its relations with the knowledge and education. Based on the analysis of the data treated in the light of the theory studied, it was found that the group of college students have different representations of the knowledge; and we were able to verify a devaluation of knowledge of common sense in relation to scientific knowledge, where 15 responses value scientific knowledge and value 12 replies popular knowledge. We conclude that the word education was the core of Social Representations of Knowledge.

Keywords: Social Representations; Knowledge; Education

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	V
DEDICATÓRIA.....	VI
EPÍGRAFE.....	VII
RESUMO.....	VIII
APÊNDICE I.....	79
APÊNDICE II.....	80
7	
APÊNDICE II.....	68

MEMORIAL

A história de minha vida começa a partir do encontro de Seu João Barbalho e Dona Ana Vitória, meus pais. Vindos do Maranhão e do Piauí, respectivamente, eles se conheceram na década de 70, em Brasília. Meu pai trabalhava como técnico em uma loja de revelação de fotos e minha mãe em casa de família cuidando de crianças. Ele morava em Taguatinga e ela na Asa Norte. Certa noite eles foram apresentados por amigos numa festa e desde então estão juntos.

Apaixonados começaram a namorar, e após um ano Dona Ana estava grávida de Daniela. Perceberam então, que esse bebê era a oportunidade de constituírem uma família, se casarem e começarem as suas vidas adultas. E assim foi eles se casaram e logo em seguida nasceu a Dani. Com muitas dificuldades foram morar junto em uma casa que meu pai ganhou de um programa de habitação do governo e com a ajuda de familiares deram os primeiros passos na construção de um lar.

Três anos depois, Dona Ana está grávida de novo. E no dia 13 de março de 1983, no Edifício de clínicas em Brasília, nasce outro bebê, eu: Priscila dos Santos Barbalho. Minha mãe muito jovem com 21 anos já era considerada uma mãe de família ao lado do meu pai, 26 anos. Por um descuido um ano e meio depois minha mãe engravidou novamente e nasce a caçulinha, chamada Juliana.

Meu pai conseguiu estudar somente até o segundo grau e minha mãe até o primeiro grau e para eles a educação sempre foi importante para se conseguir um emprego e posteriormente ingressarem no mercado de trabalho e se constituírem enquanto cidadãos. Acreditam que a partir daí poderíamos pensar na formação superior.

Essa é à base da minha família: meus pais e mais significativamente minhas irmãs. E seguindo eu conto o quanto eles foram e são essenciais no meu desenvolvimento e formação.

Voltando à minha infância me lembro de ter sido uma fase maravilhosa recheada de histórias marcantes na constituição da minha identidade. Embora meus pais não tivessem muita condição financeira lembro-me sempre de todos nós

reunidos e da figura do meu pai filmando nossos momentos de diversão com a família, vizinhos e amigos.

De vez enquanto, revejo esses registros pra recordar momentos tão felizes e que me fazem bem ao refletir sobre o quanto essa fase da nossa vida foi preciosa. Penso no quanto éramos seres inocentes querendo somente brincar e percebo que a cada brincadeira e interação havia uma aprendizagem que eu levaria para o resto de minha vida.

Quando criança era tímida, medrosa, carinhosa e também muito curiosa. Não saía de perto dos meus pais e obedecia prontamente as suas ordens, até porque meus pais eram severos e não nos deixam sem limites. Tinha horário pra tudo e se não fizesse apanhava para aprender.

Em todas as ocasiões lembro-me de estar próxima de adultos, eles me passavam confiança, adorava ouvir os assuntos e histórias dos mais velhos. Quando ficava sozinha refletia e me questionava sobre o que falavam, tentava a minha maneira entender o mundo, como as coisas funcionam. Nesses momentos estava me apropriando de conhecimento. Acredito que a insegurança que eu sentia vinha da falta de diálogo em casa e isto foi uma barreira no meu desenvolvimento, pois sempre tive muita vontade de conhecer mais meus meios eram limitados.

A partir dos seis anos as lembranças são mais significativas e me lembro claramente do meu primeiro dia de aula no colégio Stella Maris em Taguatinga onde morávamos. Minha irmã mais velha já estudava lá e fiquei impressionada ao ver como a escola era grande por dentro. Mas quando entrei pela primeira vez como aluna foi inesquecível, porque eu tinha uma sala de aula, uma professora, meu caderno, meus lápis, minhas tarefas. Mesmo sendo muito tímida não dei trabalho para ficar na escola, de certa maneira, acho que sempre me senti acolhida no ambiente escolar com todas suas imagens e figuras coladas nas paredes, isso me fascinava.

Sentia que nesse ambiente tinha a chance de vivenciar novas descobertas. Aprender a ler, a escrever seriam os primeiros e mais importantes passos a serem dados rumo ao saber que estava se projetando a minha frente. Nunca dei trabalho para meus pais em relação aos estudos, adorava ler e fazer as atividades escolares

de casa. Eram momentos de muito prazer até porque compartilhava muito aprendizado com minhas irmãs, porque nossa faixa etária é muito próxima. Meu pai só nos deixava assistir desenhos e filmes então líamos muitas historinhas infantis.

Nós três tínhamos rotina de estudos sempre acompanhadas dos olhares atentos do meu pai. Embora não soubesse sobre o assunto que estava sendo abordado ele dava um jeito de pesquisar para nos ajudar. Para ele o fundamental era que tivéssemos boas notas, mesmo que muitas vezes fosse por meio de memorização. Para mim estavam ali às oportunidades de conhecer de me apropriar das informações e saber cada vez mais sobre o mundo e as pessoas.

A professora Solange do pré foi sem dúvida uma das inesquecíveis porque era sutil no seu jeito de falar e cuidar dos alunos. Mesmo num período em que a educação era tradicional e, portanto mais rígida, ela me proporcionava momentos em que podia exercer minha criatividade nas atividades lúdicas que fazia na sala de aula, lembro-me que ela adorava contar história fantasiada sobre o tema do livro a ser explorado. Também me lembro dela com carinho porque um dia fui esquecida na escola pelo transporte escolar e como ela morava perto acabei indo pra casa dela, foi incrível.

Eu era uma aluna muito aplicada e gostava de responder a todas as perguntas das avaliações. Um episódio muito divertido foi a primeira vez que coleí numa prova. Era de Estudos Sociais e a pergunta era: Quem é Tiradentes e eu acreditei na minha amiga e respondi: Foi um dentista. Quanta inocência, mas é uma recordação muito engraçada.

Com doze anos, meus pais decidiram se mudar para Asa Sul e nesse processo eu e minhas irmãs fomos estudar em escolas públicas. Não senti muita diferença na qualidade do ensino porque meu pai sempre participou ativamente da nossa educação escolar, indo às reuniões da escola e acompanhando nossas atividades e trabalhos de casa. Mesmo com menos cobranças da escola a vontade de se apropriar do saber já estava enraizada em mim.

Meu pai sempre trabalhou com imagens relacionadas com objetos eletrônicos e essa é uma das paixões de sua vida. Ele trabalhava com filmagens e fotografias na extinta Kodak que até dez anos atrás era a multinacional referência nesse ramo.

Eu adorava ir ao trabalho do meu pai ver como era o procedimento de revelação de fotos e edição de filmes porque também podia ver os momentos marcantes das pessoas que estavam naqueles negativos e minha imaginação ia longe. Ficava pensando em quem eram aquelas pessoas, o que estavam fazendo ali, como tinham se conhecido, se algum dia iríamos nos encontrar por um acaso do destino. Sei lá minha criatividade me fazia pensar várias coisas e eu acabava criando um mundo particular na maneira como eu idealizava ser a certa ou feliz, pelo menos pra mim.

Utilizar desses materiais como instrumentos de aprendizado me ajudou na aquisição de informação e construção de saberes. Foi bem nessa época de mudança de residência que meu pai comprou o primeiro computador para nossa casa. Me lembro que fiquei encantada e aprendi sozinha a utilizar seus recursos a meu favor na escola ao fazer e enriquecer meus trabalhos.

A minha adolescência foi marcada por uma educação familiar considerada tradicional em que meu pai enquanto patriarca, responsável pelo sustento da família tentava manter suas filhas sobre os seus olhares. Em casa fomos educadas para a obediência e submissão, sem que fosse possível discutir posicionamentos e idéias. Acredito que tenha sido isto que tenha me deixado infantilizada por tanto tempo, eu até costumo dizer que aos quinze anos era uma “criançona”.

E assim foi até a conclusão do ensino médio, uma vida escolar de cumprimentos de obrigações e regras, mas sempre com muitos questionamentos sobre qual curso escolheria para o exercício de uma profissão e colocação no mercado de trabalho. Sempre buscando entender os acontecimentos sociais e como a partir desses saberes poderia usa-los na construção da minha vida. Esta fase foi muito especial porque foi quando comecei a me sentir mulher, conheci meu primeiro namorado com quem fiquei por nove anos, fiz grandes amizades e vivenciei minhas primeiras saídas. Também foi o início de várias discussões com meus pais sobre o que não concordava em relação a nossa educação.

Com a formação do Ensino Médio aos dezoito anos consegui meu primeiro emprego como recepcionista numa clínica de radiologia. Logo que comecei a trabalhar recebendo meus primeiros salários fiz o vestibular para ciências contábeis numa instituição particular, que cursei por três anos.

Esse período foi muito marcante porque aconteceram muitas coisas em minha vida uma delas foi a saída da casa dos meus pais pra tentar morar com uma amiga e ganhar minha independência. Não foi nada fácil, porque meus pais não aceitaram, não houve diálogo e muitas brigas aconteceram. Fiquei dois anos sem contato com meus pais sendo que em um dos anos morei sozinha.

Nesses dois anos em que morei sozinha vivenciei muitas experiências onde tive que aprender a lidar com as adversidades da vida adulta. Esse período me libertou de um mundo que não era o real, nele aprendi a observar, a me comportar, a escolher e sofrer os prejuízos e vitórias das minhas escolhas. Elaborei minhas representações sociais sobre minhas perspectivas futuras em relação a carreira profissional, a família, amigos, independência e relacionamento amoroso.

Mas o mais difícil e também significativo pra mim foi aprender a lidar com meus conflitos internos. Embora fosse reservada, dentro de mim haviam vários questionamentos referentes ao funcionamento da vida num mundo tão moderno. Ao meu modo, acertando e errando enfrentei meus medos e segui em busca de aprender a me conhecer. Não conseguia entender o porque de uma educação tão rígida, a submissão da minha mãe e principalmente a falta de diálogo em casa. Isso tudo se refletia diretamente na minha forma agressiva perante aos meus pais ao tentar quebrar paradigmas tradicionais estabelecidos socialmente, que não correspondiam ao dinamismo de um mundo tão moderno. Depois de dois anos voltei pra casa porque percebi que é muito difícil conseguir sustentar uma casa sozinha principalmente quando se é tão nova.

Hoje percebo que embora tivesse saído da casa dos meus pais para tentar conquistar minha independência acabei entrando em outra com meu namorado que era muito ciumento e limitava minha vontade de conhecer o mundo. Mas por outro lado entendo que essa foi a maneira que encontrei de buscar me apropriar dos saberes da vida que eu gostaria de construir. Meu ex-namorado teve uma educação muito diferente da minha, sua família lhe deu oportunidades de conhecer outras culturas e isso me fascinava. Sua personalidade forte e espírito investigativo me estimulavam a compreender diferentes formas de vivenciar o mundo me apropriando de informações que até então eu desconhecia.

Mesmo tendo vivido muitas brigas com meus pais essa fase foi essencial para mim porque eu tive a chance de refletir sobre as atitudes dos meus pais em relação a minha educação e assim avaliar o que tinha sido produtivo no meu desenvolvimento. O que me auxiliou na elaboração de novos conceitos a partir dos meus julgamentos e vivências. Não me arrependo de nada que fiz, mesmo sabendo que magoei meus pais com palavras e atitudes grosseiras. Porque hoje conseguimos conviver com mais harmonia do que antes, respeitando nossas diferenças e nos amando cada vez mais.

Retornei para casa de meus pais e continuei a trabalhar e cursar a graduação em ciências contábeis. Embora eu goste muito de matemática o curso de ciências contábeis me causava uma certa inquietação, sentia que a futura profissão não me traria o prazer que eu tanto desejava. Então decidi trancar o curso.

Passei então seis meses sem estudar e nessa época minha irmã mais velha já tinha se formado em química e atuando como professora me influenciava para que eu tentasse fazer o vestibular para pedagogia já que eu gostava tanto de criança, ela acreditava que eu me sairia muito bem nessa profissão fora a facilidade para arrumar emprego.

De fato é verdade que eu sempre me dei muito bem com crianças, sempre tive muito gosto de cuidar e brincar com meus primos e vizinhos quando eram pequenos. Eu me sentia importante ao cuidar daqueles seres tão indefesos. Brincar de escolinha era muito divertido porque enquanto professora eu podia ensinar os que menos sabiam. Então, minha irmã mais velha engravidou, o que foi uma grande alegria para nossa família e quando a pequena Alessa nasceu eu auxiliava no cuidado com ela enquanto minha irmã trabalhava. Esse foi o momento em percebi o sentido da educação.

Na época minha irmã trabalhava na escola Nossa Senhora de Fátima atuando no Ensino Médio. Essa instituição oferece educação escolar do Ensino Infantil ao Ensino Médio e também graduação em Pedagogia no Instituto Superior que funciona à noite. Alguns fatores influenciaram decisivamente para que eu tentasse o vestibular nessa Instituição de Ensino como: eu passava parte do meu tempo por lá com a minha sobrinha que ainda era bebê então conhecia grande parte dos

professores e diretores, localiza-se ao lado da minha casa e por fim consegui um desconto e um estágio remunerado logo no primeiro semestre.

Num dia enquanto ouvia as histórias de alguns professores amigos da minha irmã que conversavam na hora do intervalo me empolguei com a possibilidade de poder cuidar de outras crianças além da Alessa e fiz minha inscrição para o vestibular no 1º semestre de 2008, no Instituto de Educação Superior Nossa Senhora de Fátima. Fui aprovada e comecei a estudar.

Para minha surpresa logo no primeiro semestre do curso me apaixonei totalmente pela educação. Porque enquanto educadora eu estaria me educando também, sob uma concepção de ensinar e aprender. Achava fascinante a possibilidade de trocar ideias, de poder participar da vida das pessoas e auxiliar nos seus conflitos e questionamentos. Percebi que poderia de alguma maneira diminuir as angústias de algumas pessoas ao mostrar para elas os saberes que o mundo tem a oferecer, saberes estes que vão além das disciplinas do currículo escolar.

E refletida na minha própria história me encontrei e descobri o que me dá prazer. Trabalhar com e para a educação. Senti-me participativa ao ter a chance de auxiliar as pessoas a se apropriarem significativamente do conhecimento e que saibam usar esse conhecimento e as informações em prol do outro para vivermos de forma mais harmônica.

As disciplinas do currículo que mais me chamaram a atenção foram Psicologia, Filosofia e Sociologia porque buscam compreender o desenvolvimento do homem, sua relação com o outro e com o meio em que esta inserido. Foi de importância vital para os meus estudos a disciplina chamada Desenvolvimento Humano que abordam fenômenos da psicologia. Estudar as correntes construtivistas e socioconstrutivistas e os grandes pensadores Piaget, Vygotsky e Wallon possibilitou-me perceber como o conhecimento vem sendo analisado e apropriado por teorias ao longo do tempo.

Essas correntes representam um marco importantíssimo no campo da educação. E a partir delas retiro conhecimentos que me servem de instrumentos para minha prática pedagógica. Sempre me dediquei em fazer as leituras propostas

pelos professores, discutindo os temas propostos em sala de aula. Tive ótimos professores que até hoje são referências em minha vida.

Iniciei o estágio remunerado logo no primeiro semestre, na própria Escola Fátima colocando em prática tudo que estudava na teoria. Iniciei no berçário, depois fui para o maternal III (crianças com 3 anos). No início de 2009 fui convidada pela escola a compor o grupo de docentes como professora de inglês, por ter formação extra no curso de língua estrangeira.

O ano de 2009 foi um marco na minha vida porque vivenciei grandes acontecimentos: o primeiro foi o término do relacionamento com meu primeiro namorado foi uma escolha difícil, mas necessária para o crescimento pessoal dos dois; o segundo foi o convite que recebi de uma professora muito querida que por sinal é também uma colega de trabalho para participar do Projeto Rondon.

Iglê é professora de psicomotricidade na Educação Infantil e leciona a noite sobre este assunto no Instituto Superior Fátima para as turmas do quarto período. Como aluna de doutorado na Universidade de Brasília – UnB, ela participa de uma pesquisa chamada de saúde integral com um grupo de profissionais de diferentes áreas que buscam analisar a qualidade da educação integrada à saúde do corpo com a mente.

Em 2009, eu cursava justamente o quarto período e ela me fez o convite para participar do Projeto Rondon com perspectiva de um curso de extensão para o meu currículo e eu aceitei. Nós fomos e foi uma das experiências mais incríveis da minha vida, porque além de elaborar e colocar em prática oficinas pedagógicas na cidadezinha de Uruana (com mais ou menos 500 habitantes) com a intenção de melhorar a qualidade de vida das pessoas que ali vivem, fiz grandes amizades com alunos da Universidade de Brasília e de diferentes cursos como odontologia, psicologia, engenharia florestal, biologia, nutrição e medicina.

Esses novos colegas me abriram os olhos para a possibilidade de ingressar na Universidade Federal e com isso alavancar minha vida profissional, por meio de uma graduação que eu considero mais qualificada em relação às Instituições Privadas. Eu fiquei fascinada com a possibilidade de expandir meus conhecimentos,

aprender mais sobre educação e com a ideia de transferência de Instituição e então fui em busca de descobrir os mecanismos possíveis para tal.

Então, no início de 2010 fui aprovada na avaliação da modalidade chamada transferência facultativa da UnB e ingressei no curso de Pedagogia. Este foi o início de uma nova fase na minha vida. Fiz amizades especiais logo na fila, no dia da minha matrícula e que tenho certeza que vou levar para o resto da minha vida. Uma diferença perceptível é a força que o nome da instituição exerce sobre mim em relação a sociedade. Hoje, quando digo que sou aluna da UnB sinto os olhares mais atentos e respeitosos.

Mas a mudança mais significativa foi em relação aos estudos, percebi logo nas primeiras disciplinas já como aluna da UnB descobri que eu não conhecia a Pedagogia que meu conhecimento até então era limitado, não sabia do leque de opções que este curso poderia me dar em relação a atuações em campos de trabalhos diversificados. Senti despertar o interesse em me tornar uma pesquisadora da área, podendo me qualificar, me especializar exercendo assim um trabalho mais significativo para a sociedade.

Tive que melhorar minhas leituras e a escrita. Reaprender a estudar foi essencial. Percebi que minhas leituras em um semestre não se comparavam aos dois anos em que tinha cursado na instituição particular. Foi bem difícil, mas com muito esforço e dedicação pude melhorar estas habilidades que são fundamentais para a realização de uma graduação de qualidade.

Conheci autores renomados como Libâneo, Saviani, Cotrim, Perrenoud, Moscovici, Morin e outros. Li e reli obras de Paulo Freire, Piaget, Vygotsky obras estas que me possibilitaram ampliar os saberes relacionando-os com minha prática pedagógica contando também com o suporte teórico sobre políticas públicas voltados para a educação como o Plano Nacional da Educação, o Plano de Desenvolvimento da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais etc.

Convivi com professores que marcaram minha história na medida em que me fizeram pensar indo em busca de novas fontes de conhecimento ao construir e desconstruir saberes, pesquisando, errando e acertando. Em muitos momentos achei que não iria conseguir, até porque meu tempo é restrito por causa do trabalho.

O engraçado é que da mesma maneira que me dava medo de não conseguir desenvolver bons trabalhos acadêmicos dentro de mim brotava uma força que me instigava a pelo menos tentar. Ora o que me fascina na educação é justamente a possibilidade que o indivíduo tem de aprender, de se superar e crescer, transformar e de se movimentar.

Disciplinas como a de Antropologia e Educação, Ensino de História Identidade e Cidadania, Sociologia da Educação, Perspectivas do Desenvolvimento Humano, Psicologia da Educação, Filosofia da Educação e Filosofia com crianças me fascinavam na medida em que abordavam o ser humano e suas potencialidades nas relações com o outro e também com o mundo em que está inserido. Estas foram minhas paixões no decorrer do curso.

O meu envolvimento com o tema surgiu durante pesquisas desenvolvidas na disciplina de projeto 3 (Projeto de Pesquisa do GRUPPE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação) que investiga a teoria das Representações Sociais e sua aplicabilidade na sociedade. Ela uniu meu interesse pela busca do saber com a visão da sociedade, levantando pontos negativos e positivos. Assim que comecei os estudos sobre o tema me identifiquei com a proposta das representações como forma de produção de conhecimento que influenciam a formação do ser humano. Nesse período fiz leituras, participei de discussões realizadas nos encontros com o grupo, questionei paradigmas e me apaixonei pelas possibilidades de aprendizado que o assunto poderia me proporcionar.

Eu penso a educação para emancipação humana na busca da liberdade consciente, de autonomia que possibilite a compreensão real do mundo. Nesta perspectiva os estudos realizados sobre representações sociais associaram-se diretamente com meu interesse pelos saberes nas práticas educativas. Minha experiência profissional também ampliou minha compreensão ajudando a contextualizar meus conhecimentos.

Com o auxílio da professora nomeamos o tema representação social dos saberes e comecei uma busca por teorias que sustentassem as ideias significativas sobre o assunto. Em seguida foi feita uma pesquisa de campo que com objetivo de identificar a representação que graduandos do curso de Pedagogia da universidade de Brasília têm sobre os saberes no âmbito da educação, uma vez que a educação

desempenha papel fundamental na disseminação de saberes. Provocando em mim o seguinte questionamento: Qual a influência do educador na formação do indivíduo? Será que a sociedade realmente valoriza os saberes da experiência? Quais são os elementos essenciais para operar a prática educativa sem restringir-se a condições convencionais ou conservadoras?

As possíveis respostas para tais perguntas podem começar com a reflexão teórica e metodológica proposta por meus estudos sobre a representação social dos saberes.

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho Final de Curso da Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília está organizado em 3 partes: a primeira refere-se ao memorial, no qual é feito um breve relato da minha vida pessoal e acadêmica; a segunda é a própria monografia; e a terceira e última diz respeito às perspectivas profissionais, em que são abordados meus projetos profissionais e expectativas para novos trabalhos e estudos após o término da graduação em Pedagogia.

A segunda parte, destinada à monografia, abarca a apresentação, a introdução e cinco capítulos intitulados: Capítulo I: Representações Sociais, Capítulo II: Conhecimento, Saberes e Educação, Capítulo III: Metodologia, Capítulo IV: Análise de Dados, Capítulo V: Considerações Finais.

Os dois primeiros capítulos referem-se ao arcabouço teórico; o terceiro explica de que maneira a pesquisa foi realizada; o quarto apresenta o tratamento dos dados à luz da teoria abarcada neste trabalho nos capítulos I e II; e o quinto e último conclui o trabalho com considerações a respeito da pesquisa.

INTRODUÇÃO

Nos últimos 50 anos muitos estudos buscaram analisar o fenômeno das representações sociais como processo de compreensão do real incitando a necessidade de articulação entre os diferentes saberes. A teoria produzida pelo autor Moscovici sobre Representação Sociais inaugura então, um novo campo de pesquisa, na Psicologia Social atento a linguagem e a ação comunicativa na produção de sentido do panorama simbólico consolidado pelo coletivo. De acordo com o teórico citado as representações são uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (2003).

Historicamente, a socialização dos saberes e a diversidade cognitiva são fenômeno que caracterizam o cotidiano da vida humana. Sendo assim, é impossível compreender a evolução social descontextualizadas das concepções de saberes e suas representações. De acordo com Jovchelovitch “O saber é um sistema de representações simbólicas organicamente ligado à Psicologia Social dos contextos e enredado produtivamente com um modo de vida e com sua cultura.” (2004, p. 9).

Percebe-se então que os saberes construídos a partir das representações sociais correspondem à maneira pela qual o sujeito apreende os acontecimentos da vida cotidiana, de modo a dominar o ambiente, comunicar fatos e ideias e se situar diante de pessoas e grupos. Nesta perspectiva o processo educativo constitui elemento essencial na interpretação dos acontecimentos da realidade cotidiana.

Numa sociedade em que o conhecimento se apresenta de forma global e dinâmica, faz-se necessário repensar o valor que os conhecimentos adquirem na formação do indivíduo, sem limitar a aprendizagem a apenas aquela posta no livro didático, ou ao conhecimento sistematizado pela ciência. A união do conhecimento teórico com os saberes que alunos e professores trazem consigo, bem como os que estão presentes na vida cotidiana (tidos como saberes do senso comum), favorece a produção de resultados mais significativos na interpretação da realidade.

Logo, para a sociedade contemporânea, designada também como sociedade do conhecimento, a abordagem e a realização de pesquisas sobre Representações

Sociais no campo da educação podem ser consideradas elementos indispensáveis para a melhor compreensão dessa sociedade.

Com foco na Educação e a partir da relevância do tema, o presente estudo tem como **Objetivo Geral**: analisar as representações sociais sobre os saberes na perspectiva de estudantes do curso de Pedagogia da universidade de Brasília. Este trabalho ainda apresenta os seguintes **Objetivos Específicos**:

- Verificar quais saberes são mais valorizados na perspectiva dos estudantes do curso de Pedagogia;
- Identificar o significado das palavras consideradas como mais importantes pelos universitários sobre os saberes.

Para atender a esses objetivos inicia-se a presente pesquisa com o referencial teórico que a sustenta.

CAPÍTULO I: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

1.1 HISTÓRIA E CONCEITO

A Teoria das Representações Sociais foi fortemente defendida nos trabalhos do francês Serge Moscovici ao insistir no reconhecimento desta como forma de conhecimento, a partir de estudo realizado sobre a psicanálise. Na obra *A psicanálise: sua imagem e seu público*, Moscovici (1961) apresenta um trabalho de campo realizado a partir de coleta de dados junto a um grupo da população de Paris a fim de saber como a psicanálise tem sido vista e compreendida por essa população. O autor mostra em sua obra que a psicanálise, teoria complexa, à medida que é difundida na cultura francesa é transformada, ao mesmo tempo, em que modifica o social e as visões do mundo.

Seus trabalhos tiveram embasamento teórico, inicialmente, nas análises de Durkheim sobre as representações coletivas, em que o autor busca distinguir o pensamento social do individual. Durkheim acreditava que as leis que explicavam os fenômenos individuais eram diferentes das que explicavam os fenômenos sociais, estando esta sob o domínio da sociologia e aquela a cargo da psicologia.

Jovchelovitch (2011, p.160) acrescenta que Moscovici retorna a Durkheim e propõe a teoria das representações sociais “[...] como pilar de uma nova psicologia social atenta à linguagem e ação comunicativa, voltada para o processo de produção de sentido e as batalhas simbólicas das esferas públicas”.

A discussão do teórico Durkheim foi essencial para que Moscovici buscasse na sociologia um contraponto para a perspectiva individualista da psicologia social. Desse modo, a teoria das Representações Sociais proposta pelo psicólogo social francês Moscovici defende que “[...] as representações sociais devem ser encaradas tanto na medida em que ela possui uma contextura psicológica autônoma como na medida em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura” (MOSCOVICI, 1978, P.45).

Durkheim afirma que “um homem que não pensa com conceitos não seria um homem, pois ele não seria um ser social. Restrito apenas a percepções individuais,

ele não seria diferente de um animal” (DURKHEIM, 1912/1995, p.440 apud MOSCOVICI, 2003, p. 180).

Enquanto Durkheim refere-se a um conjunto de fenômenos psíquicos e sociais, juntamente com fenômenos referentes à ciências, mitos e ideologias “sem preocupação de explicar os processos que dariam origem a essa pluralidade de modos de organização do pensamento” (ALVES-MAZZOTI, 1994, p. 62). Moscovici (2003) mostra uma forma de conhecimento moderno em que as transformações constantes, pluralismo de ideias e doutrinas ganham destaque. Assim, a teoria das Representações Sociais considera válida toda forma de conhecimento apreendido na vida cotidiana. Na tentativa de apresentar um novo olhar sobre a Psicologia Social, Moscovici rompe com os modelos mecanicistas e positivistas ao considerar a pluralidade de saberes existentes no espaço social.

Há numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. Mas o estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em prática – numa palavra, o poder das ideias – é o problema específico da psicologia social (MOSCOVICI, 2003, p.8).

Segundo Oliveira (2004) as representações sociais são consideradas um guarda-chuva que abriga crenças, mitos, imagens, idiomas, direitos, religiões, tradições, entre outros conceitos, porém, as representações não são mesmas para todos os membros da sociedade, variando de acordo com os contextos socioculturais em que os indivíduos estão inseridos. Ainda conforme o autor, Moscovici busca compreender como a produção de conhecimentos plurais constituem e reforçam as identidades dos grupos, como influem em suas práticas e como estas reconstituem seus pensamentos. As representações sociais são produto da interação e comunicação histórica entre grupos, referentes a atos, imagens e/ou ideias. As pessoas ao partilharem ideias transformam pensamentos em práticas referentes à realidade de nossas vidas cotidianas em uma constante inter-relação entre sujeito e objeto. Sujeito este que se encontra inserido numa sociedade e, por isso, faz-se necessário considerar fenômenos individuais e coletivos.

A intenção de Moscovici foi redefinir o campo da psicologia social através do estudo das representações sociais, fazendo uma análise sobre a importância do valor simbólico para explicar a realidade. Nesta perspectiva, ele apresenta o

conceito de representações sociais, na sua obra intitulada: A representações sociais da psicanálise, como:

um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 1978, p.21).

As representações sociais são compreendidas então, como elementos simbólicos que os indivíduos se apropriam e utilizam para sedimentar as visões de mundo produzidos em seus espaços culturais, expressando-os mediante o uso de gestos, palavras, linguagens, entre outros. Essas representações, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e se consolidam no âmbito de situações reais. Desta forma, as representações sociais estão vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos refletindo as condições contextuais dos sujeitos que as elaboram.

As representações sociais são fomentadas pelos conhecimentos adquiridos tanto nas suas experiências quanto nas reapropriações de significados sedimentados no tempo histórico. Segundo (Moscovici, 1978, p.26) as representações são uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. Esta reapropriação do passado pelo presente é um movimento contínuo e acontece quando as gerações atuais alteram a compreensão de conhecimentos preexistentes.

A compreensão do simbólico exige a aceitação de modelos sociais abertos e ilimitados sem perder a singularidade histórica das referências sociais. A simbolização pode ser considerada uma herança histórica construída em condições que respondem as necessidades de cada época. Por isso, para compreender os saberes globalizados é preciso resignificar o legado do passado em conformidade com os referenciais do tempo presente.

Desta forma, podemos entender as representações sociais como a transformação social de uma realidade em um objeto de conhecimento modelado, com o objetivo de produzir ideias que se tornaram referência para este novo tempo. Segundo Alves-Mazzotti (1994) ela visa compreender a produção de representações

acerca de questões que necessitam ser compreendidas, cujos conceitos deixam de ser uma simples opinião para tornarem-se “teoria” do senso comum. Considerando o senso comum como um conhecimento adquirido sem fundamentação sistemática, precisa, provenientes da intuição, crença ou da prática cotidiana, sem o reconhecimento da origem do mesmo.

Este vasto conjunto de opiniões, aceitas como verdadeiras, mas sem uma fundamentação de validade, recebe o nome de senso comum. [...] no entanto, podem revelar profunda reflexão sobre a vida – o que chamamos sabedoria popular (COTRIM, 2006, p. 45 – 46).

Assim, as representações sociais constituem uma vertente teórica da Psicologia Social diretamente associada a outros campos do conhecimento, tais como, a Filosofia, a História, a Sociologia, ou seja, as pertencentes às ciências humanas em geral. A teoria propõe então, uma explicação sobre como os diferentes grupos sociais dão sentido, se apropriam e transformam seus saberes. Ainda segundo o autor:

Em resumo, o que Moscovici procura enfatizar é que as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos, e que “determinam, o campo das comunicações possíveis, dos valores ou ideias compartilhadas pelos grupos e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas” (MOSCOVICI, 1978, p. 51 apud ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 23).

As representações sociais são fomentadas pelos conhecimentos adquiridos tanto nas suas experiências quanto nas reapropriações de significados consolidados no tempo histórico, ou seja, são produto da interação e comunicação histórica entre grupos, referentes a atos, imagens ou ideias. As pessoas ao partilharem ideias transformam pensamentos em práticas cotidianas. Segundo Moscovici (1978, p.26) as representações são uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. Esta reapropriação do passado pelo presente é um movimento contínuo e acontece quando as gerações atuais alteram a compreensão de conhecimentos preexistentes.

Segundo Abric (2003, p.60-61) alguns fatores podem explicar a gênese das representações sociais, sendo fundamental “conhecer, compreender, e agir no campo da representação social, respeitando sua organização, quer dizer, a

hierarquia dos elementos que a constituem e as relações que esses elementos mantêm, estreitamente, entre si”.

Quando falamos em representações sociais, partimos da premissa de que ela surge da inter-relação entre sujeito e objeto, sujeito este que encontra-se inserido numa sociedade, o que reforça a importância de se considerar fenômenos não apenas individuais, mas, também, coletivos. Neste sentido, as representações se apresentam como elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica, que se generaliza pela linguagem. Complementando, Alves-Mazzotti diz:

Para Moscovici, sujeito e objeto não são funcionalmente distintos, eles formam um conjunto indissociável. Isso quer dizer que um objeto não existe por si mesmo, mas apenas em relação a um sujeito (indivíduo ou grupo); é a relação sujeito-objeto que determina o próprio objeto. Ao formar sua representação de um objeto, o sujeito, de certa forma, o constitui, o reconstrói em seu sistema cognitivo, de modo a adequá-lo ao seu sistema de valores, o qual, por sua vez, depende de sua história e do contexto social e ideológico no qual está inserido (2002, p.17).

Ao propor a Teoria das Representações Sociais, Moscovici usou como objeto de estudo o conhecimento do senso comum e encontrou muitas dificuldades para apreender tal conceito devido “a sua posição “mista”, na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de uma série de conceitos psicológicos” (Moscovici, 1978, p.41).

Foi necessário relacionar fenômenos sociais e fenômenos psíquicos. O conhecimento como forma de representação social constitui então, uma vertente teórica da Psicologia Social, pois visualiza o indivíduo e suas produções mentais como componentes de uma socialização. Nesse sentido as representações sociais enfatizam a função e o poder simbólico tanto dos conhecimentos formais quanto dos informais na explicação do real, servindo de importantes instrumentos de ação político-social.

Desde então as reflexões de Moscovici avançaram ao ilustrar como as ações de indivíduos e grupos a partir da apreensão da realidade de forma consensual estabelecem representações sociais e assim sendo, produzem conhecimento. A socialização produz então, representações que se constroem na ação de conhecer, compreender e fazer o conhecimento.

Do ponto de vista de Denise Jodelet (2002), pesquisadora que se tornou referência na difusão da teoria das representações sociais criadas por Moscovici, o conhecimento é socialmente elaborado, pois, se constitui a partir da experiência pessoal do sujeito, servindo assim de informações, crenças, significados e modelos de pensamento negociados através da tradição, da educação e da comunicação social.

Neste sentido, a autora defende que através das representações sociais é possível tratamos fenômenos observáveis ou reconstruídos por um trabalho científico. Os fenômenos são investigados e depois de alguns anos tornam-se um objeto de estudo das ciências humanas apresentando possíveis explicações para cada qual, servindo de instrumento para possíveis leituras da realidade

Segundo Moscovici (2003), a teoria das representações sociais apresenta uma abordagem tanto em termos de produto quanto em termos de processo, por assumir uma atividade mental na qual o sujeito pode reconstituir ou criar o real ao atribuir uma significação para o objeto. Logo, mais do que aceitar opiniões sobre determinados objetos o sujeito deve considerar um conjunto comum de códigos para classificar e valorar o objeto em análise. Para Moscovici as representações sociais são construídas e elaboradas a partir de dois mecanismos denominados de ancoragem e objetivação.

A ancoragem é um processo de apropriação de uma nova informação comparando-a com seus conhecimentos preexistentes. Ao analisar e classificar conceitos o ser humano reavalia os paradigmas transformando o desconhecido em familiar. “Ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa” (MOSCOVICI, 2003, p.61). A classificação acontece quando o sujeito compara ideias e conceitos a um paradigma geralmente reconhecido como representante de determinada classe:

Se é verdade que nós classificamos e julgamos as pessoas e coisas comparando-os com um protótipo, então nós, inevitavelmente, estamos inclinados a perceber e a selecionar aquelas características que são mais representativas desse protótipo [...] isso concretamente significa que ancorar implica também a prioridade do veredicto sobre o julgamento e do predicado sobre o sujeito. O protótipo é a quintessência de tal prioridade, pois favorece opiniões já feitas e geralmente condiz a decisões super-apressadas (MOSCOVICI, 2003, P.64).

A implicação da condição estruturante da ancoragem permite que os novos elementos sejam articulados com os rotineiros, sofrendo uma grande influência

destes, mas sempre operando na interpretação da realidade em busca de um saber inovador.

O segundo mecanismo é a objetivação e seria o processo de tornar real o pensamento, caracterizando um novo objeto estabelecendo para este uma função através da imagem. Dessa forma o indivíduo consegue apropriar-se melhor do novo conceito. Segundo Moscovici (2003) este conceito é entendido como um processo de materialização das abstrações, da corporificação dos pensamentos, a objetivação torna físico e visível o impalpável.

Ancoragem e objetivação têm como uma das premissas a memória. Enquanto uma trás a memória e ativa-a, a outra a reproduz. Esses dois princípios nos permitem analisar de forma incisiva a construção de uma representação social e transformá-la, de um conhecimento do senso comum em um saber científico. A criação e transformação dos saberes levam a uma modificação de nossos valores, que conseqüentemente, irão influenciar as diretrizes dos relacionamentos humanos.

Jean Claude Abric (2003) refere-se aos mecanismos objetivação e ancoragem, e seus desdobramentos, respectivamente, como o núcleo central e o sistema periférico. Para o autor o núcleo central implica uma consequência metodológica essencial ao constituir uma representação, porém, a informação e o conhecimento de um conteúdo não são suficientes. Será a organização lógica deste conhecimento que fornecerá consistência e relevância a esse conteúdo, dando sentido ao mesmo.

Tem-se então, que a objetivação (núcleo central) é a homogeneização da representação ao se fazer real sendo produzida socialmente. Já a ancoragem (núcleo periférico) é fundamental para o desenvolvimento da consciência humana ao integrar o objeto com um sistema de pensamento social preexistente, transformando história e cultura implícitas em tal processo. Diante do exposto, pode-se inferir que as representações são construídas mediante esses dois mecanismos na tentativa de familiarizar o desconhecido.

Quando o sujeito se apropria de um novo objeto ou situação ele elabora conceitos que transformam seu modo de ver e viver a vida. Isso se reflete nas práticas individuais e coletivas em que está inserido. Ainda na linha moscoviciana

Jodelet (2005) reforça o conceito de representações sociais como uma maneira que os indivíduos têm de posicionar-se perante as situações e acontecimentos.

Portanto, as representações sociais são valorizações simbólicas construídas histórica e socialmente pelo ser humano. Mediante a comunicação expressas nas diferentes formas de linguagens, fundamentadas em situações concretas em que buscam significar o conhecimento.

As representações sociais expressam as reproduções e transformações culturais de determinada época. Também são fomentadas pelos produtos da ciência, que circulam publicamente através da mídia e outros meios de comunicação. Por terem como referencial o tempo histórico e a comunicação apresentam certo dinamismo das suas concepções nos grupos, indicando a necessidade de serem renovadas a cada instante para que seja possível compreender e conviver com a diversidade que emerge a cada novo tempo histórico. Por sua vez a educação expressa a cultura e comportamento de uma determinada sociedade num contexto histórico e temporal.

1.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO

Adotando o referencial teórico-metodológico apresentado por Serge Moscovici da Teoria das Representações Sociais ao buscar compreender que valores, crenças e atitudes estão relacionados com os saberes da experiência que orientam as práticas cotidianas. Para Jodelet (2002, p.22): “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

A autora Alda Judith Alves-Mazzotti, em seu artigo *Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação* (2008) propõe uma análise sobre a relação entre as representações sociais e a educação:

investiga justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Por suas relações com a linguagem, a ideologia e o imaginário social e, principalmente, por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais, as representações sociais constituem elementos

essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo (ALVES-MAZOTTI, 2008, p.20-21).

Valores, costumes, ideias, leis, religiões são forças que operam e condicionam a prática social por meio de processos educativos. A incorporação do novo e aceitação consensual do grupo possibilita que o sujeito interprete e transforme o mundo. Pode-se inferir então, que uma das premissas das representações sociais consiste no reconhecimento do senso comum como pensamento representativo das experiências vividas nas relações sociais enquanto processo mediador na formação humana.

As Representações Sociais também são fomentadas pelos produtos da ciência, que circulam publicamente através da mídia e outros meios de comunicação. Por terem como referencial o tempo histórico e a comunicação apresentam certo dinamismo das suas concepções nos grupos, indicando a necessidade de serem renovadas a cada instante para que seja possível compreender e conviver com a diversidade.

É importante ressaltar que a diversidade de modalidades educativas presentes na sociedade contemporânea não se restringe ao sistema de ensino escolar. Seria cometer uma falta enorme desconsiderar a influência que o ambiente político, social, econômico e cultural exercem no desenvolvimento do indivíduo e consequentemente na caracterização da sociedade.

Rangel e Teves (1999) entendem a prática educativa como a expressão da classificação e organização social a partir das relações humanas em diferentes épocas. Assim, pode-se perceber que a educação está em certa medida sempre em transformação de maneira a atender as necessidades dos sujeitos em novos contextos históricos.

Dessa maneira, as representações sociais enquanto elemento de articulação entre a ciências humanas e as ciências exatas, norteiam a transversalidade sobre os diversos contextos sociais que envolvem a vida dos indivíduos como a cultura, a educação, a saúde e o meio ambiente funcionando como recurso teórico para as práticas cotidianas tanto nos espaços públicos quanto nos privados.

A Teoria das Representações Sociais – TRS – operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos

diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, pregnantes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana (ARRUDA, 2002, P.130).

Pensando primeiramente na transversalidade das representações sociais, não há dúvida que, estando situada na interface dos fenômenos individuais e coletivos, tem a vocação de interessar a todas as ciências humanas. Tendo em vista estas características é possível considerar que as representações são instrumentos mentais que proporcionam a elaboração de novos esquemas cognitivos, psicológicos e construção de hipóteses explicativas. Desta forma, envolver-se em variadas circunstâncias favorece o desenvolvimento humano, pois permite a articulação entre domínios globais e específicos.

Frente a toda a complexidade contemporânea as representações sociais servem de suporte para as explicações generalistas das relações do indivíduo com os outros, com os objetos e com o mundo. Ela é um instrumento de leitura da realidade ao significar as experiências cotidianas categorizando os elementos que compõem a realidade.

Nesse sentido, dá-se a importância da relação entre a cultura e a história na produção e transmissão de representações que explicaram ou ainda explicam conceitos estabelecidos pelo indivíduo e sua sociedade. Se entendemos o processo educativo como a expressão da classificação e organização social a partir das relações humanas em diferentes épocas, podemos considerar que a educação está em certa medida sempre em transformação de maneira a atender as necessidades dos sujeitos.

Ao considerar que a educação está em constante transformação assim como a sociedade, não se pode dar unidade a conhecimentos como verdades imutáveis, absolutas. Nesta perspectiva os estudos sobre o fenômeno das representações sociais promovem discussões sobre a necessidade de se reconhecer os saberes do senso comum. A interdependência entre o conhecimento formal (científico) e o conhecimento informal (popular) constitui uma nova prática educacional.

Saviani (1989) propõe ir além do reconhecimento dos saberes do senso comum, considerando a necessidade de se elevar a prática educativa pelos educadores do nível do senso comum a consciência filosófica. Neste sentido o conhecimento passaria de um simples enunciado das classes tidas como subalternas para um conceito consistente, coerente e aceito socialmente como forma válida de explicar o real.

Nesta perspectiva é preciso compreender as especificidades e funções da educação. Dado à complexidade para conceituar o fenômeno educativo deve-se considerá-lo sobre vários enfoques como: o antropológico, o sociológico, o econômico, o político, o psicológico, o biológico, o histórico e o pedagógico.

Esta tarefa pertence à Pedagogia, na condição de ciência da e para a educação; ela sintetiza as contribuições das demais ciências da educação, dando unidade à multiplicidade dos enfoques analíticos do fenômeno educativo. Com isso, reconhece-se que os processos educativos ocorrentes na sociedade são complexos e multifacetados, não podendo ser investigados à luz de apenas uma perspectiva e, muito menos, reduzidas ao âmbito escolar (LIBÂNEO, 2002, p.71).

A palavra educação em seu sentido epistemológico se sustenta na origem latina dos termos *educare* (alimentar, cuidar, criar) e *educere* (tirar para fora de, conduzir para, modificar um estado). Estes conceitos estão presentes no linguajar do próprio senso comum e eles conseguem significar o conceito a sua maneira.

Porém, é fundamental considerar em quais contextos (família, escola, igreja, trabalho, entre amigos) a educação pode acontecer, e mais, questionar-se em quais deles existe um reconhecimento válido perante a sociedade.

Muitas correntes e autores dedicaram-se em definir a educação das formas mais diversas, mas há quase que uma unanimidade entre os autores em considerar a educação como um processo de desenvolvimento do ser humano, determinadas pela articulação das condições internas dos indivíduos com o meio em que este está socializado.

A evolução das ideias e das práticas educativas passaram por várias transformações desde a Grécia antiga enquanto fundação educativa ocidental, com a valorização do pensamento racional e as contribuições fornecidas pelos sofistas e os grandes filósofos, passando pelo Renascimento, na sua concepção humanista, mais tarde, no século XX, pelos caminhos percorridos entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova, cotando mais a frente com as contribuições de Paulo Freire, ao

se referir à educação como um ato político, pluralizando-se nos dias atuais sobre a influência da globalização e das tecnologias de informação e comunicação.

Numa visão mais clássica e conservadora a educação era uma forma de preparar o indivíduo para a repetição dos comportamentos, considerando o espaço educativo como um reflexo da sociedade, desta forma, a educação seria imutável, idêntica. Frente a uma nova realidade histórica, marcada pela constante transformação, a educação sucumbe à necessidade de se adaptar as exigências do novo meio. Neste sentido, para ampliarmos a compreensão sobre o processo educativo é fundamental entendê-la como processo de reprodução e também de produção da vida social de maneira que os indivíduos se formem para continuidade da vida social. Conforme Libâneo (2002, p.79), “a educação não se restringe a relação interpessoal pois, insere-se no conjunto das relações sociais, econômicas, políticas e culturais que caracterizam uma sociedade”.

Nesse sentido, as Representações Sociais estão diretamente relacionadas com o processo educativo, ao conceber este como produto do desenvolvimento social e aquela como essencial para constituição da pessoa humana determinada nas relações sociais que estabelece. Logo, as representações sociais utilizam-se da educação como referência para investigar os acontecimentos da realidade cotidiana.

1.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SABERES

Acerca da relação entre representações sociais e saberes, Jovchelovitch (2004, p. 1) afirma que “não há saber que não deseje representar” uma vez que as representações ocupam lugar central na constituição dos saberes. Ela alega que para ser considerado saber, é preciso considerar o contexto de sua produção “entendido como o lugar histórico, social, simbólico e cultural de uma comunidade humana”.

Assim, de acordo com a noção representacionista do conhecimento, quando conhecemos, por exemplo, um pássaro, formamos uma representação, uma imagem adequada, desse pássaro em nossa mente.

Mesmo reconhecendo a necessidade de abertura para novos saberes contextualizados em um mundo em que as informações aparecem de forma tão instantânea, dinâmica e global, muitos docentes ainda se negam a conhecer outras fontes de conhecimento, que não seja aquele posto no livro didático. Sendo de grande relevância uma troca entre esses elementos, como foi colocado no trabalho de Bondía (2002) que a partir de seus estudos, reforçou a importância dos saberes da experiência, construídos socialmente. O que evidencia a necessidade de unir todos esses saberes para que esse profissional tenha a oportunidade de construir seu próprio saber pedagógico, levando consigo o que há de mais relevante para a mediação dos conhecimentos com os educandos.

Se a preocupação do sujeito moderno é buscar informação, enfim, saber coisas que antes desconhecia, limitar-se a simplesmente ser informado não implica em mudança alguma é preciso ir além, manifestar a informação adquirida nas experiências, dando sentido ao que acontece. acrescenta que é preciso distinguir saber (no sentido de estar informado) de saber adquirido pela experiência.

Provavelmente todos já ouviram que vivemos numa “sociedade da informação” e muitas vezes esta expressão é usada como sinônimo de “sociedade do conhecimento”, como se obter informação equivalesse a conhecer e apropriar-se de algo (BONDÍA, 2002, p.22).

A articulação entre a teoria das representações sociais e a vida cotidiana é uma grande preocupação na perspectiva de Moscovici quando busca entender o desenvolvimento cognitivo a partir de fenômenos em condições informais, para o autor, mesmo que diferentes do saber científico e tecnológico, os saberes do senso comum não são menos importantes.

Desde a sua fundação a teoria das representações sociais milita contra a idéia de que os saberes cotidianos são distorção e erro buscando recuperar o *status* epistemológico do senso comum, entender as funções que cumpre e as necessidades a que responde. Aquilo que parece irracional ou errado para o observador externo tem sentido para o sujeito do saber e é em relação ao que expressa e significa para um indivíduo e comunidade que precisamos buscar critérios para pensar a validade e racionalidade do Saber (JOVCHELOVITCH, 2002 apud JOVCHELOVITCH, 2011, P.164).

Schwartzman (1998) reforça a compreensão dos estudos de Jovchelovitch e acrescenta que são fundamentais os vínculos que existem entre a formação do conhecimento científico e os interesses, entre o conhecimento teórico e conhecimento aplicado, entre as motivações dos indivíduos e os conhecimentos da

natureza. Além do mais, a demarcação entre ciência e não ciência equivale a dizer que todos os conhecimentos, tudo o que se diz sobre o mundo empírico, é equivalente, que não há diferença entre o certo e o errado, e que tudo é questão do lugar da onde se olha.

Os saberes do senso comum possibilitam alcançar a todos sem distinção de classe social, por isso, precisam ser analisados como fonte geradora da produção de conhecimento emprestando o poder e a legitimidade do conhecimento aceito. Mesmo sem obedecer a regras e padrões dos paradigmas firmados pela humanidade estes saberes favorecem a manutenção de valores e ideias, ou seja, as estrutura da sociedade, em seu cotidiano.

É interessante perceber que quando a ciência se torna representações sociais não perde sua racionalidade, pelo contrário a racionalidade possibilita a criação de uma nova referência a padrões lógicos-formais transformando a visão de mundo da sociedade.

A teoria das representações sociais propostas por Moscovici verificou a importância do pensamento cotidiano, das crenças e dos saberes do senso comum e qual sua eficácia no contexto em que estão inseridos. Muitas verdades foram desveladas na história da humanidade, sustentadas por percepções que foram se difundindo por gerações e que depois de algum tempo conseguiram ser reconhecidas como fundamentais para o desenvolvimento humano.

O senso comum não desaparece e não é jamais substituído pela ciência, como quis o espírito da modernidade e projeto do iluminismo. Como Habermas recentemente observou, o senso comum defende seu espaço e se transforma na modernidade tardia, tornando-se um 'senso comum iluminado' que se abre tanto para a ciência como para as crenças, demonstrando o estado de espírito de uma esfera pública de-tradicionalizada que comporta múltiplas vozes (HABERNAS, 2003 apud JOVCHELOVITCH, 2011, p. 164)

Portanto, os saberes construídos a partir das representações sociais correspondem à maneira pela qual o sujeito apreende os acontecimentos da vida cotidiana, de modo a dominar o ambiente, comunicar fatos e ideias e se situar diante de pessoas e grupos.

A problematização do cotidiano, e o saber do senso comum constituem parte essencial da construção de uma realidade comum a um conjunto social. Mesmo distinguindo-se do conhecimento científico as representações sociais devem ser

compreendidas como um objeto de estudo tão legítimo quanto aquele, uma vez que se propõe também a esclarecer a relação entre os processos cognitivos e as interações sociais.

Nesta perspectiva, a comunicação e o questionamento na sala de aula são pontos de partida fundamentais para a socialização de ideias, pois, a troca de saberes nos permite construir representações sociais válidas sobre o real. Sabemos que no processo de ensino-aprendizagem o sujeito não é apenas um receptor das informações, sendo fundamental articular informação, conhecimento e experiência na estrutura cognitiva.

CAPÍTULO II: CONHECIMENTO, SABERES E EDUCAÇÃO

2. REFLEXÃO TEÓRICA

Neste capítulo a intenção é promover uma reflexão sobre como os conhecimentos e saberes são identificados/reconhecidos pela sociedade. Este estudo visa analisar como se dá o processo de formação do conhecimento no indivíduo, passando pelo conceito de conhecimento e saberes através do tempo e das suas diversas tendências. Sem deixar de abordar o fenômeno educação enquanto processo de aprendizagem das informações, conhecimentos e saberes expostos no mundo.

A etimologia do termo “conhecimento” provém do latim “cognoscere”, que significa “conhecer pelos sentidos, conhecer por experiência, saber”, em que o conhecimento vai se constituindo ao longo da vida humana, traduzindo-se a todo momento na relação entre dois elementos correspondentes: sujeito e objeto. Assim, de acordo com Cotrim:

No processo de conhecimento, sempre existiria a relação entre dois elementos básico:

- um **sujeito** conhecedor (nossa consciência, nossa mente) e
- um **objeto** conhecido (a realidade, o mundo, os inúmeros fenômenos) (2006, p.56).

Nesse sentido é preciso entender o mundo como histórico, uma vez que os conhecimentos e saberes são utilizados como elementos construtores da humanidade, ao mesmo tempo em que são construídos por ela. Refletir sobre a concepção de conhecimento e saberes é fundamental na área da educação e merece atenção especial por parte das disciplinas relacionadas com a psicologia, a sociologia, a filosofia e a antropologia.

Segundo Vieira e Luz (2005)

O homem é um ser histórico-social, cuja existência é construída por meio do trabalho, mediante o qual entra em contato com outros homens e com a natureza, desenvolvendo relações sociais e econômicas, motivado não apenas pela necessidade de subsistência, mas também pelo intuito de gerar conhecimentos e realizar-se como indivíduo (VIEIRA E LUZ, 2005, p. 94).

Entretanto, é importante compreender que conhecer não é o mesmo que saber. Conhecer implica significar algo, já o saber propicia a interiorização do

conhecimento na aplicabilidade, portanto é mais abrangente e formativo. De acordo com Fernández (2001), o saber implica uma organização e convoca recordações, dando poder de uso ao conhecimento.

O conhecimento é objetivável, transmissível de forma indireta ou impessoal; pode ser adquirido através de livros ou máquinas; é factível de sistematização nas terias; enuncia-se através de conceitos. (O conhecer tende a objetivar.) Em troca o saber é transmissível só de modo direto de pessoa a pessoa, experiencialmente; não é sistematizável [...] o saber dá poder de uso mais o conhecimento não (FERNÁNDEZ, 2001, P.63).

Edgar Morin acrescenta que “o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido”. (2001, p. 36). Se o processo de formação humana pode ser entendido como geração de conhecimentos é possível perceber a importância destes para compreensão do mundo e o convívio em sociedade. Se a sociedade contemporânea entende por aprendizagem significativa, crítica à busca do conhecimento real das informações para formulação de novos conceitos e a consequente transformação social, faz-se necessário pensar na valorização de outros saberes como a experiência social e cultural, do senso comum como fundamentais no desenvolvimento de habilidades dos indivíduos para a prática.

O saber é um sistema de representações simbólicas organicamente ligado à Psicologia Social dos contextos e enredado produtivamente com um modo de vida e com sua cultura. Fica claro aqui que o saber é sempre obra de uma comunidade humana e, portanto, deve ser entendido no plural. Não há uma forma de saber apenas, mas muitas. Essa variação corresponde à variação nas formas de relação social que constituem tanto o saber como a comunidade (JOVCHELOVITCH, 2004, p. 9).

Portanto, os saberes não são um simples reflexo do mundo externo, sua apropriação se dá pela tradução e reconstrução mental. Neste processo o sujeito ou aprendiz, não é somente um receptor das informações, sendo fundamental haver uma interação entre as partes envolvidas, considerando o conhecimento preexistente. Os saberes não podem ser vistos como um fenômeno isolado e imutável. As novas pedagogias caracterizam-se pelo enfoque global em que o conhecimento deve ser construído individual e coletivamente.

Nesta perspectiva a educação desempenha papel fundamental na disseminação de saberes conforme os padrões culturais e os valores da sociedade em que está inserido. O processo educativo está ligado então, à construção e

reconstrução da vida social logo, as gerações precedentes são responsáveis por cuidarem e assim educar as novas gerações ao transmitirem conhecimentos, saberes e experiências acumuladas ao longo das suas relações estabelecidas entre o indivíduo, o meio natural e o meio social.

Porém, a sociedade moderna ainda encontra dificuldades em reconhecer o saber que não está associado diretamente aos procedimentos educativos formais, científicos que obedecem a padrões e metodologias na sistematização do conceito. E é nesse momento que o conhecimento fica limitado, uma vez que, o conhecimento informal é desvalorizado em razão do conhecimento formal.

Educação formal seria, pois, aquela organizada, estruturada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido a educação escolar convencional é tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não convencionais) [...] A educação não-formal, por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas (LIBÂNEO, 1998, p.88).

Libâneo reconhece ainda, “que as práticas educativas ocorrentes na sociedade são complexas e multifacetadas”, não podendo ser investigado sobre um enfoque único ou restringindo-se a condições convencionais ou ao âmbito escolar. Pois, valores, costumes, religiões, as organizações sociais, as leis, os meios de comunicação também são forças que operam e condicionam a prática educativa.

Escolhida como responsável para o exercício da cidadania e formação humana, a prática educativa escolar exerce a dupla função de socializar os indivíduos, de acordo com valores e padrões culturais de determinada sociedade, e disseminar os conhecimentos.

Todavia, não cabe considerar como válido somente a formação da pessoa enquanto desenvolvimento de conhecimentos intelectuais nas manifestações institucionalizadas, pois a constituição humana ocorre em todos os espaços e contextos diversos. Considerar apenas o saber válido como o documentado e devidamente registrado pode ser equivocado, quando não reconhece a importância da experiência histórica e cultural para a elaboração de novos conceitos.

A educação formal pressupõe um conhecimento normatizado, intencional, científico que apresenta resultados reconhecidos pela sociedade como válidos para

compreensão da realidade. Convém, pois, reconhecer que na educação informal, também acontece uma série de aprendizados que não podem ser classificados em nenhum quadro institucional e que muitas vezes perpassa os espaços determinados socialmente para tal função. Segundo o Relatório da Unesco: Educação um tesouro a descobrir da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI:

O conceito de educação ao longo da vida é a chave que abre as portas do século XXI; ele elimina a distinção tradicional entre educação inicial e educação permanente [...] A educação deve, portanto, adaptar-se constantemente a essas mudanças da sociedade, sem negligenciar as vivências, os saberes básicos e os resultados da experiência humana. (JACQUES DELORS, 2010, P.14)

Nesta perspectiva, todo tipo de informação precisa ser compreendida como essenciais na elaboração de conceitos e valores que os seres humanos agregam na construção do saber. Consensualmente o grupo compartilha ideias e assim, pode reconstruir conceitos e transformar sociedades. A educação assume então a função de promover a autonomia pra emancipação humana nas dimensões: cognitiva, social, afetiva, física, estética e ética.

Pensar a educação para emancipação humana é uma forma de combater hierarquizações de saberes e estabelecer um caráter contextual aos conhecimentos, sendo mais produtiva se não estabelecer fronteiras tão rígidas entre os saberes nas relações sociais.

simétrico ao questionamento da validade dos conhecimentos científicos é a noção de que são os conhecimentos populares, tradicionais, que englobam a verdadeira sabedoria, a Verdade verdadeira. Nesta visão, o que vale é a homeopatia, não a medicina alopática; as práticas das parteiras, e não dos médicos obstetras; a capacidade dos índios de fazer chover, e não as previsões da meteorologia. O positivo desta perspectiva é que ela permite recuperar e valorizar tradições e formas de conhecimento que são muitas vezes abandonadas e destruídas pelo poder avassalador de outras formas de conhecimento oriundas da tradição científica e técnica ocidental; mas sua dimensão romântica, e muitas vezes ingênua, não pode ser desconsiderada. (SCHWARTZMAN, 1998, P.1)

Na sociedade contemporânea o homem além de acumular informação deve ser capaz de integrar conhecimentos, formular novos conceitos, conviver em grupo e adaptar-se as mudanças. E o processo educativo constitui elementos essenciais na interpretação dos acontecimentos da realidade cotidiana. A prática educativa deve

considere a experiência, o saber gerado por ela e suas implicações no desenvolvimento individual e coletivo.

Há um grande número de artigos publicados abordando o tema das Representações Sociais e dos Saberes, o que pressupõe a relevância da relação entre estes fenômenos para os estudos voltados principalmente para a área da educação. Logo, os estudos e teorias defendidas por tantos autores propõem resignificar o papel dos professores no trabalho educativo, ao analisar como eles representam o processo de ensino aprendizagem, já que eles lidam diretamente com o desenvolvimento humano. Nesse ponto, muitos são os questionamentos levantados sobre a necessidade dos professores se abrirem a novas estratégias que possibilitem a troca de conhecimentos e a interdisciplinaridade, como forma de reconhecimento da diversidade dos padrões cognitivos. Como destaca Almeida:

na docência o professor tem a oportunidade de resignificar todos os outros saberes, não só os da experiência, mas também os saberes da formação inicial e continuada, os saberes curriculares e os saberes disciplinares, conferindo-lhes aplicação, legitimidade, sua identidade, ou ainda refutando, marginalizando-os na tentativa de construir sua própria prática pedagógica. (2009, p.3)

Portanto, os educadores devem buscar alternativas para o desenvolvimento de práticas educativas mais abertas, ou seja, possibilitar a criação de espaços para que os educandos se tornem agentes ativos atendendo as necessidades dos diferentes contextos na produção dos saberes.

Segundo Morin (2003, P.31), no livro: Os sete saberes necessários à educação do futuro, o conhecimento é incerto e por isso mesmo “permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável”. Acreditar em verdades como absolutas inibem a autonomia da mente e impedem as possibilidades de transformação do erro em algo produtivo e válido. “O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez.”

A esse problema universal confronta-se a educação do futuro, PIS existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado os saberes desunidos, divididos, compartimentados e de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários. (MORIN, 2003, P.36)

Nesta perspectiva, o conhecimento do mundo pode ser entendido como necessidade intelectual e vital, uma vez que somente ter acesso às informações são insuficientes é preciso ir além, e articular e organizar os saberes para conceber o

contexto e sua complexidade. Daí a pertinência dos estudos sobre processos de ensino e aprendizagem no trabalho educativo, já que se refere à aptidão que o indivíduo tem para organizar e dar sentido aos saberes aplicadas a sua prática cotidiana.

2.1 CONHECIMENTO CIENTÍFICO E SENSO COMUM

A revolução científica do século XVII marca a autonomia do conhecimento científico, a partir do momento que ela busca seu próprio método desligado da reflexão filosófica. O conhecimento científico apresenta então como característica o pensamento normatizado, sistematizado e formal, ao passo que o saber popular carece de padronização, embora não seja desestruturado. O saber popular ao contrário possui lógica flexível, um caráter espontâneo, prático e informal. É prático, porque as pessoas o articulam às suas vidas sem necessitar de regras e convenções.

Cabe destacar que o desenvolvimento da ciência tradicional e da moderna, possibilitaram expressivos avanços na história das civilizações, permitindo assim o desenvolvimento científico-tecnológico presente no mundo atual.

a principal contribuição da moderna antropologia e da sociologia do conhecimento [...] foi o rompimento da demarcação rígida que se supunha existir entre o conhecimento 'verdadeiro', científico, e o conhecimento popular, não científico e, por isto mesmo, tratado frequentemente como ingênuo ou errôneo (SCHWARTZMAN, 1998, P.1).

No entanto, existem muito questionamentos referentes à dimensão unilateral e reducionista nas formas de interpretação dos métodos científicos de maneira a conceber o conhecimento de forma muitas vezes fragmentada. Assim, o estudo da importância da ciência conduz a mudança de paradigmas motivada por crises, descobertas e invenções reconstruindo teorias e métodos que expliquem as mudanças do mundo.

os inúmeros problemas existentes hoje, segundo Santos (1997), só podem ser resolvidos a partir da revisão, concorrência ou superação paradigmática. É nesse contexto que se dá a crítica aos limites do paradigma cartesiano-newtoniano. Ocorre que esse modelo científico, que deita suas raízes históricas no período conhecido como o da revolução científica, acontecida nos séculos XVI, XVII e XVIII, tendo como expoentes Nicolau Copérnico, Galileu, Descartes,

Bacon e Newton, tem sido questionado nos seus pressupostos epistemológicos e nas suas consequências para a sociedade e para educação. (SANTOS 1997 apud VITKOWSKI, 2004, p.11).

Segundo Kuhn (1982, p.13) “paradigma são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modulares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. Seus estudos acrescentam as ideias de que a produção do conhecimento se dá pela destruição dos paradigmas consolidados e com a articulação entre os preexistentes.

Outro problema do paradigma cartesiano-newtoniano está fundamentado numa visão que insiste em afirmar que o objetivo da ciência era servir ao domínio do indivíduo sobre a natureza, ao pretender nomear como verdadeiro somente o conhecimento justificado pela ciência. Entretanto, a visão de que somente a ciência deve ser valorizada, bem como apenas seu conhecimento, pode se converter em um fracasso, quando somente à ciência é creditada a possibilidade do conhecimento verdadeiro o indivíduo reduz sua capacidade de aprender ao ignorar outras formas de conhecimento.

A ciência não deve edificar-se em combate ao senso comum, considerando-o ilusório ou ideológico. Segundo Santos (2003, p.90) essa hierarquia entre o conhecimento científico e o senso comum tende a deixar de existir e tornarem-se imbricados, uma vez que “o conhecimento científico pós-moderno só se realiza enquanto tal na medida em que se converte em senso comum”.

A perpetuação histórico-social de que o conhecimento científico é o verdadeiro também esta relacionada com os propósitos das classes dominantes para manter-se com o monopólio do poder, por isso, durante algum tempo o acesso ao conhecimento científico foi privilégio de um pequeno grupo. Já o saber do senso comum foi desconsiderado em relação a este, por não possuir status de ciência sendo reconhecido como um saber ilegítimo. Marx e Engels (1984, p.72 apud Libâneo, 2002, p.80) escreveram a esse respeito o seguinte: “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”.

o senso comum, enquanto conceito filosófico, aparece no século XVII como iniciativa burguesa de combate ao irracionalismo, sendo que a “valorização filosófica do senso comum” esteve atrelada à ascensão da burguesia ao poder, pois ele era considerado “[...] natural, razoável, prudente, um sendo que é burguês e que, por uma dupla implicação,

converte-se em médio e em senso universal (Santos, 2000, p. 36 apud FRANCELIN, 2004, p. 30).

Os estudos contemporâneos compreendem a existência de interconexões entre os objetos, o sujeito e o contexto propondo assim uma concepção de processos formativos ou educacionais abrangentes, que considerem o ser humano na sua totalidade cognitiva, física, afetiva, espiritual.

Boaventura de Souza Santos em seu livro: Um discurso sobre as ciências propõe a legitimidade dos saberes do senso comum e o valor das experiências cotidianas na produção social de conhecimentos. Nesse sentido, o autor diz:

[...] que a ciência moderna “construiu-se contra o senso comum”, considerando-o “superficial, ilusório e falso” e a ciência pós-moderna vem para reconhecer os valores (“virtualidades”) do senso comum que enriquecem a nossa relação com o mundo, ou seja, o senso comum também produz conhecimento, mesmo que ele seja um “conhecimento mistificado e mistificador” [...] mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico” (2002, p.56)

A pesquisa científica tem início no conhecimento popular, porém ela deve buscar ultrapassá-lo. Sabemos que o conhecimento científico possui um refinamento metodológico que o do saber popular não detém. O primeiro busca, através da sistematização da pesquisa, à comprovação dos resultados obtidos. O senso comum não passa, necessariamente, por critérios de validação. É um processo acrítico. Aí reside a grande diferença entre esses saberes.

Segundo Francelin (2004), no meio científico os saberes do senso comum podem ser provisórios e parciais, porém podem dar lugar a novos conhecimentos e pesquisas. Uma grande distinção a ser considerada pela sociedade é de que o conhecimento não é definitivo e imutável.

Estas diferenças de conhecimentos são chamadas por Moscovici (2003) de epistemologia científica e epistemologia popular. Sendo importante observar que as Representações Sociais não estão preocupadas em averiguar se um conhecimento está certo ou errado, ou se uma exerce maior relevância em relação ao outro, mas sim, em perceber como eles foram construídos e suas implicações sociais como geradores de ações e transformadores do mundo.

A teoria das Representações Sociais está ligada às teorias do conhecimento. Estas procuram valorizar o saber do senso comum já que carrega os valores e crenças populares, pois se refere aquilo que os indivíduos entendem como real orientando as práticas humanas no mundo.

O que conseguimos observar é que as diferentes formas de conhecimentos têm características próprias sustentadas por teorizações que respondem, a sua medida, as problematização do real. Faz necessário então, romper as barreiras entre conhecimento científico e senso comum, uma vez que um complementa o outro agregando saberes que influenciam a produção e desenvolvimento social, pois os conhecimentos/informações são carregadas de intencionalidades políticas e valores sociais.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

3. MÉTODO

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo baseia-se no método exploratório, analítico e descritivo, com abordagem quantitativa e qualitativa. Tem como objetivo elucidar fatos e fenômenos orientados pela formulação de hipóteses, a partir da observação direta.

Esta pesquisa está estruturada em dois momentos. Em um primeiro momento, a abordagem quantitativa busca traduzir em números, as opiniões e informações. No segundo momento, a abordagem qualitativa visa interpretar os fenômenos atribuindo-lhes significados considerando o mundo objetivo indissociável da subjetividade do sujeito.

Nas pesquisas analíticas e descritivas verifica-se as informações disponíveis na tentativa de explicar o contexto de um fenômeno, utilizando-se de procedimentos formais e estruturados, de forma a descrever as características de certos grupos. Assim, possibilitam a emissão de opiniões ou projeções futuras nas respostas obtidas.

Na área do pensamento e da expressão filosófica e científica, certas exigências de organização prévia e de metodologia de execução se impõem. Já não se pode conceber, a não ser depois de amadurecido o raciocínio, a elaboração de um trabalho científico ao sabor da inspiração intuitiva e espontânea, sem obediência a um plano e aplicação de um método. (SEVERINO, 2002, p.73).

Na tentativa de atender às problematizações do real o presente estudo utiliza-se deste método como fonte de identificação de fatos e tendências oferecendo opiniões críticas sobre o tema, pautadas em conceitos teóricos.

O local de estudo foi a universidade de Brasília e teve como população estudantes do curso de Pedagogia utilizando-se de dois instrumentos de coleta de dados, com procedimentos diferenciados de maneira que um complementa o outro na análise dos resultados.

3.1 PARTICIPANTES

O grupo de participantes foi composto por estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, que responderam ao instrumento de pesquisa, totalizando 68 participantes. Desses 56 são do gênero feminino e 12 do gênero masculino, com idade média de 22,58 anos. 23 são casados, 40 são solteiros e 5 não responderam. Em relação a quantidade de filhos 12 tem filhos e 56 participante não tem filho. Dos participantes cristãos, 30 são católicos, 9 evangélicos 9 espíritas, 1 protestante, 2 messiânicos do restante 3 são ateus e 14 não responderam. Embora ainda estudantes do curso de Pedagogia 34 trabalham em escolas privadas, 13 em escolas públicas e 21 em espaços não escolar. Tendo Formação em Nível Médio na modalidade Magistério 8, Regular 59 e Educação de Jovens e Adultos – EJA 1.

Cabe lembrar que o grupo foi submetido dois instrumentos diferentes de pesquisa, o primeiro instrumento foi respondido por 68 participantes e o segundo instrumento por 10 participantes, sendo que 10 participantes responderam aos dois instrumentos.

3.2 INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos em busca de uma melhor compreensão dos resultados sobre a representação dos saberes dos universitários. Adotaremos a referência instrumento I para o Questionário de Evocações de Palavras e instrumento II para o Roteiro de Entrevista.

3.2.1 QUESTIONÁRIO DE EVOCAÇÕES DE PALAVRAS

A coleta de dados consistiu na aplicação de um instrumento utilizando a Técnica de Associação Livre das Palavras – TALP. Esse instrumento trabalha com a associação de conteúdos cognitivos e simbólicos das palavras, em que as palavras que aparecem com maior número de evocações tornam-se elementos indicadores das representações sociais. Segundo Abric, (2003), o caráter simbólico das palavras permite um acesso ao universo semântico do objeto a ser estudado expressado em produções discursivas.

Utilizou-se o software EVOC ("Ensemble de programmes permeltant l'analyse des évocations") (VERGES, 1999). O software combinou a frequências das palavras evocadas mediadas pelo termo indutor "saberes" apresentando a ordem média das evocações e a

média das ordens das evocações distribuídas em quatro quadrantes, evidenciando os possíveis elementos centrais e periféricos das representações sociais Sá (1996).

Para a coleta de dados, foram aplicados Questionários a 68 participantes, que individualmente, evocaram as primeiras 6 palavras ou frases que vinham às suas mentes sobre saberes, em seguida classificaram as três mais importantes e no final explicaram por que significaram a primeira palavra como mais importante.

Para apurar o campo de identificação do sujeito fez-se as seguintes perguntas: Gênero – Idade - Estado civil – Filhos – Religião - Formação Acadêmica - Profissão. A íntegra do questionário encontra-se no Apêndice 1.

3.2.2 ROTEIRO DE ENTREVISTA

O Roteiro de Entrevista contém 5 questões subjetivas que abordam o termo saberes e suas relações com educação formal e informal, buscando verificar a visão dos futuros profissionais desta área. Utilizando-se da técnica de análises de conteúdo é possível associar palavras sinônimas no plano epistemológico e cronológico, sugerindo assim, hipóteses na interpretação dos resultados. (BARDIN, 1977)

Neste instrumento a coleta dos dados foi por meio de um Roteiro de Entrevista aplicada a 10 participantes, individualmente. Os universitários responderam questões abertas, sendo o roteiro inicial de entrevista:

- 1 – O que são saberes para você?
- 2 – Você identifica saberes diferentes? Quais?
- 3 – Qual tipo de saber você valoriza mais?
- 4 – Existem diferenças entre saber formal e o informal? Quais?
- 5 – As instituições escolares reconhecem os saberes dos educandos?

Para averiguar o campo de identificação do sujeito, fez-se as seguintes perguntas: Gênero – Idade - Estado civil – Filhos – Religião - Formação Acadêmica - Profissão. A íntegra do Roteiro de Entrevista encontra-se no Apêndice 2.

3.3 PROCEDIMENTOS

Como foram utilizados dois instrumentos diferentes para a coleta de dados, os procedimentos também foram diferenciados a fim de identificar de maneira mais significativa a representação social dos saberes dos universitários do curso de Pedagogia, futuros professores, ou melhor, profissionais da educação.

Os Questionários de Evocações de Palavras e o Roteiro de Entrevista foram aplicados pessoalmente aos participantes na própria instituição de ensino. Os participantes foram escolhidos de forma aleatória e vale informar que os universitários que responderam ao questionário não são os mesmos que responderam o roteiro de entrevista.

Observou-se que os universitários foram prestativos a responder os questionários e o roteiro de entrevista, e sentiram-se confortáveis em expressar-se sobre o assunto.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados será apresentada em dois momentos. Num primeiro momento foram analisadas as respostas advindas do Questionário de Evocações de Palavras que possibilitou identificar o participante e suas representações sociais sobre os saberes, através do uso da Técnica de Associação Livre das Palavras.

Em seguida, utilizou-se o *software* EVOC que submeteu as palavras evocadas, mediadas pelo termo indutor “saberes” à análise lexicográfica desenvolvida por Vérges (1992). Mediante combinações, classificações e hierarquização das palavras o *software* separa os elementos que compõem o provável núcleo central definido como o mais representativo, dos elementos periféricos ou menos representativos, definidos a partir da interseção frequência/ordem. (VERGES, 1999). Assim, foi possível verificar as representações sociais dos saberes dos universitários do curso de Pedagogia.

Para a construção dos quatro quadrantes, com quatro conjunto de termos adotou-se a abordagem quantitativa com a premissa de que os termos evocados com maior frequência configuram o núcleo central da representação social, ocupando o 1° quadrante (canto esquerdo superior) sendo assim, de maior relevância no esquema cognitivo do sujeito. Os termos localizadas no 2° e 3° quadrantes (canto direito superior e esquerdo inferior, respectivamente) são os elementos intermediários que podem se aproximar do núcleo central ou dos elementos periféricos. Por fim, no 4° quadrante (canto direito inferior) estariam os termos menos citados, ou seja, os menos representativos.

Em relação ao *corpus* formado pelas evocações dos 68 participantes, identificamos que foram evocadas 515 palavras, sendo 357 palavras diferentes e 158 palavras repetidas. A média das ordens médias de evocação, foi igual a 3,5 ao passo que a frequência média ficou estabelecida em máxima 7 e a mínima 3.

A Figura 1, a seguir, apresenta a organização dos dados produzidos pelo programa EVOC, quanto ao termo indutor “saberes” considerando os indicadores

frequência e ordem média de evocações, cujos resultados aparecem, respectivamente, ao lado de cada palavra.

FIGURA 1: Núcleo Central e Periféricos das Representações Sociais dos Saberes

Frequência Mínima = 3					
Frequência ≥ 4 Ordem média de evocações < 3,5			Frequência ≥ 4 Ordem média de evocações ≥ 3,5		
conhecimento- científico	5	3,571	Estudo	4	4,500
conhecimentos	5	2,600	Conhecimentos	7	3,571
conhecimentos-adquiridos	4	2,100	Cultura	4	4,000
senso-comum	5	2,000			
Frequência ≤ 3 Ordem média de evocações < 3,5			Frequência < 3 Ordem média de evocações ≥ 3,5		
conhecimentos-adquiridos	3	2,610	Experiências	3	4,000
conhecimentos-coletivos	3	2,331			

Quadrante produzido pelo programa EVOG, mediado pelo termo indutor “saberes”

A Figura 1 evidencia como possíveis elementos do núcleo central da representação a seguinte distribuição das palavras no quadrante superior esquerdo: conhecimento científico, conhecimentos, conhecimentos adquiridos e senso comum, sendo importante destacar que a palavra “conhecimento-científico” apresenta maior frequência de evocações enquanto a mais importante. Isso demonstra que para a maioria dos universitários os saberes de maior relevância são os fundamentados na racionalidade do conhecimento pautado em aspectos técnicos, instrumentais, científicos e éticos.

O termo “conhecimento-científico” é mostrado como a representação mais significativa para os sujeitos, e pode ser entendido, como produto das ideias iluministas, em que considera a ciência um instrumento de poder na sociedade. Fruto do racionalismo científico foi interpretado, na história da humanidade, como sendo a explicação mais completa sobre determinados assuntos, produzindo assim, novos conceitos epistemológicos que se tornaram referência de conhecimento. Conforme pode ser percebido na fala de um dos universitários participantes “Conhecimento científico é algo que absorvemos por ter sido comprovado, testado, estudado e temos como verdade absoluta por ser ciência”.

Entretanto, deve-se observar que o termo “conhecimentos” aparece nos dois quadrantes superiores, indicando no 2º quadrante que é a palavra que possui maior quantidade de evocações e apresentado também no 1º quadrante como o segundo mais importante, conforme se verifica na Figura 1. Assim, as Representações Sociais centram-se no termo conhecimentos.

Para analisar a representação do termo “conhecimentos”, precisamos entendê-lo como um conjunto de informações que se transformam em conhecimentos somente quando é conceituada pelo sujeito. “Quando transmitimos um conhecimento, para nós é uma construção, mas, enquanto o transmitimos, ele se transforma em um signo, o qual aparece como informação” (FERNANDÉZ, 2001, P.72).

Nesse sentido, a evocação do termo “conhecimentos” no plural remete a interpretá-lo como todo tipo de conhecimento passível de aprendizagem a todos os momentos, considerando todos os espaços como de produção e reprodução do conhecimento, uma vez que o processo de aquisição do conhecimento não se restringe a espaços institucionalizados ou determinados pela sociedade. Segundo a interpretação de outro participante “Todo conhecimento deve ser considerado saber uma vez que ele é adquirido em diferentes ambientes e das mais diferenciadas formas”.

Pode-se inferir que o termo “conhecimentos” na linguagem popular funciona como sinônimo de saberes, uma vez que esta palavra foi a que apresentou o maior número de ocorrências, ao ser evocada mais prontamente, indicando assim, sua

relevância para os estudos. Porém, cabe ressaltar que este não é o termo que explicita as representações sociais dos universitários sobre os saberes.

Se este termo engloba todo e qualquer tipo de conhecimento, pode-se considerar então, que tanto o conhecimento-científico, quanto os saberes do senso comum, ou os conhecimentos-adquiridos são reconhecidos como importantes para o desenvolvimento do indivíduo na perspectiva dos universitários do curso de Pedagogia. O que reforça a necessidade de romper paradigmas aceitos como conhecimento verdadeiro para a sociedade e para a educação.

Desde a sua fundação a teoria das Representações Sociais milita contra a ideia de que os saberes cotidianos são distorção e erro, buscando recuperar o *status* epistemológico do senso comum, entender as funções que cumpre e as necessidades que responde (JOVCHELOVITCH, 2011, P. 163-164).

Os saberes produzidos pelas comunidades, na prática cotidiana proporcionam uma compreensão do mundo à sua volta, no campo da Educação as representações sociais ajudam a entender os fenômenos que acontecem em condições informais e que ajudam a construir aquilo que chamamos de história da humanidade.

Os inúmeros problemas existentes hoje, segundo Santos (2000), só podem ser resolvidos a partir da revisão e superação paradigmática. Ao questionar os pressupostos epistemológicos dominantes os indivíduos ampliam suas visões de mundo, gerando um movimento em busca novas possibilidades de conhecimento, sem limitar o aprendizado a determinados focos de interesse. Os questionamentos devem estar voltados então tanto para o fator hegemônico dos paradigmas quanto para critérios que o validam.

Já nos quadrantes correspondentes ao periféricos (2º, 3º) são evocados os termos educação, cultura e experiência. A representação do termo educação deve estar associada ao fato deste fenômeno ser responsável pela disseminação dos conhecimentos e saberes por meio do processo ensino-aprendizagem (LIBÂNEO, 2002). O que corrobora com a evocação do termo cultura ao considerar que a educação acontece a todo tempo ao longo da vida influenciada pela produção cultural das comunidades. Assim, podemos inferir que os saberes são inerentes à vida

social sendo produtores, reprodutores e transformadores da realidade. Segundo discurso de outro participante “A cultura é um elemento fundamental na aquisição e transformação de conhecimento para o indivíduo influenciando-o por toda sua vida.

Uma curiosidade evidenciada na pesquisa é que o termo experiência aparece com pouca frequência no campo mais periférico (4º) o que indica uma diferenciação da sua conceituação ou expressão em relação a senso comum ou conhecimentos-adquiridos, citados também em outros quadrantes.

Percebe-se que os estudantes do curso de Pedagogia consideram como mais representativos do saberes as expressões conhecimento-científico, conhecimentos e senso comum revelando uma contradição e transição entre os dois paradigmas predominantes na sociedade, quais sejam paradigma cartesiano-newtoniano e o da complexidade, onde as representações sociais se incluem.

Inicia-se aqui um segundo momento onde serão analisados os dados oriundos dos Roteiros de Entrevista composto por cinco questões subjetivas, aplicados a dez universitários, conforme foi mencionado anteriormente.

Para a análise dos resultados obtidos por meio da entrevista optou-se pela utilização da técnica da análise dos conteúdos desenvolvida por Bardin, que consiste em organizar os dados pela associação de palavras próximas em sentido semântico servindo de indicadores para a interpretação dos resultados. A análise de conteúdo torna-se então, um conjunto de técnicas que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 1977).

Para iniciar a análise dos dados foram elaborados quadros apresentados por categorias, às categorias por sua vez, também foram divididas em classes e respostas indicando por fim o número de ocorrência das respostas. As categorias foram submetidas a uma classificação por aproximação de sentido e definidas a partir das perguntas do roteiro de entrevista. Embora algumas respostas possuam apenas uma ocorrência, não significa dizer que sejam menos importantes para a análise.

Os Quadros a seguir apresentam a organização dos dados considerando as categorias e as respostas, bem como o número de ocorrências como indicadores dos resultados.

Cabe ressaltar que o somatório do número de ocorrências das respostas apresentadas não corresponde ao número de entrevistados, uma vez que cada participante pode ofertar mais de uma resposta para a mesma pergunta.

Apresenta-se a seguir a Categoria 1 onde os universitários apresentam suas compreensões sobre os saberes.

QUADRO 1 – Categoria 1: Compreensão sobre os saberes

<ul style="list-style-type: none"> • Classes 	Número de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Respostas 	
<ul style="list-style-type: none"> • Formal: 	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecimentos 	10
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Teoria 	3
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ciência 	1
<ul style="list-style-type: none"> • Informal: 	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Experiência de vida 	8
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Cotidiano 	3
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Senso Comum 	2
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sabedoria 	2
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Adquiridos 	1
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Práticos 	1

✓ Vivência	1
------------	---

De acordo com o quadro 1 a resposta com o maior número de ocorrências (10) foi conhecimento, seguido de (3) teórico e (1) ciência, inserido na classe formal. Pode-se inferir que a resposta conhecimentos tenha aparecido com maior número de ocorrências por ter sua concepção epistemológica consolidada pela cultura humana como forma de compreensão do mundo, indicando assim, semelhança com o conceito de saberes.

De acordo com a resposta de um dos participantes “Acredito que as palavras conhecimentos e saberes têm significados semelhantes e pode ser ser adquirido de maneira formal, por experiências e também ser passado de geração a geração”. Outro participante disse “Os saberes são os conhecimentos que a gente aprende, que são importantes pra gente e que de alguma maneira acaba contribuindo pra nossa vida”.

Se o indivíduo considera o conhecimento algo transmissível de forma indireta ou impessoal, significa dizer que ele deve estar associado a um processo de ensino-aprendizagem que sistematize o conceito ampliando a compreensão de mundo.

Esta percepção tem sustentação nos ideais propostos pela revolução científica do século XVII, que desde então, buscou enaltecer a importância do conhecimento científico como fonte da verdade, perpetuando assim a noção de que o conhecimento significativo é aquele conquistado em ambientes formais (FRANCELIN, 2004).

O autor Boaventura de Sousa Santos no seu livro intitulado: Um discurso sobre as ciências contrapõe a ideia de que o conhecimento científico seja mais importante do que os adquiridos no cotidiano, propondo legitimidade ao saber do senso comum como forma de conhecimento que constrói e transforma a sociedade. “[...] distinção hierárquica entre conhecimento científico e conhecimento vulgar tenderá a desaparecer e a prática será o fazer e o dizer será a filosofia prática” (SANTOS, 2002, p.10).

Sabe-se que as verdades podem ser provisórias, portanto são várias as hipóteses que podem explicar o real. Nesse sentido, também são entendidos como importantes os saberes que são adquiridos na prática, a partir da própria

experiência. Isso se evidencia como segunda resposta mais ocorrente sobre compreensão dos saberes na expressão “experiências da vida”.

a representação é um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação. É determinada ao mesmo tempo pelo próprio sujeito (sua história, sua vivência), pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social. (ABRIC, 2001, p. 156)

Nesta perspectiva, as representações sociais buscam investigar a importância dos saberes construídos nas experiências porque, embora não obedeçam a regras e padrões, elas ajudam a compor os sistemas de referências simbólicas que os sujeitos utilizam para classificar os objetos e assim, interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana.

A seguir, apresenta-se o Quadro 2, correspondente a segunda questão do Roteiro de Entrevista em que se busca identificar os diferentes saberes na perspectiva dos universitários.

QUADRO 2 – Categoria 2: Identificação de diferentes saberes

<ul style="list-style-type: none"> • Classes 	<p>Número de ocorrências</p>
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Respostas 	
<ul style="list-style-type: none"> • Teórico: ✓ Conhecimento-científico ✓ Acadêmico ✓ Aprende na escola ✓ Formal 	<p style="text-align: center;">9</p> <p style="text-align: center;">7</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p style="text-align: center;">1</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Prático: ✓ Cultura ✓ Cotidiano ✓ Senso Comum ✓ Experiências ✓ Religião ✓ Família ✓ Informal 	<p style="text-align: center;">11</p> <p style="text-align: center;">7</p> <p style="text-align: center;">5</p> <p style="text-align: center;">4</p> <p style="text-align: center;">1</p> <p style="text-align: center;">1</p> <p style="text-align: center;">1</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Sem resposta 	<p style="text-align: center;">1</p>

✓ Não soube responder	
-----------------------	--

No quadro 2 foi possível perceber que as identificações dos diferentes saberes na perspectiva dos universitários divide-se entre as classes teórico e prático, havendo o maior número de ocorrências na resposta cultura (11) pertencente a classe dos saberes práticos que como pode-se observar também recebeu o maior número de ocorrências na sua totalidade (30). Esta classe associou aprendizagens em espaços não formais tendo como respostas as seguintes palavras: cultura, cotidiano, senso comum, experiências, religião, família e informal.

Com isso, pode-se inferir que os participantes fazem distinção entre os saberes, atribuindo ao teórico, características formais em que os saberes estão ligadas ao conhecimento sistematizado, certificado, institucionalizado, ou seja, em ambientes onde o processo educativo acontece de forma intencional e de modo convencional. (LIBÂNEO, 2002).

No entanto, os saberes também são identificados como os que são adquiridos na prática, ou seja, em espaços informais, estes saberes não obedecem a regras ou padrões para sua conceituação, eles são os que acontecem a todos os momentos na prática cotidiana, independente do ambiente, como pode ser observado nas respostas pertencentes a esta classe. (JOVCHELOVITCH, 2004)

O estudo das representações sociais investiga justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. (ALVES-MAZOTTI, 2008, p.20-21).

Assim, as representações sociais expressam saberes que são construídos e consolidados no coletivo, considerando os valores, as crenças, os costumes, as ideias, o contexto e outros elementos da sociedade.

É importante ressaltar que um dos universitários não soube responder levando ao entendimento de que este não consegue identificar os saberes.

Logo, podemos perceber uma dicotomia entre as classes teórico e prático de maneira a consolidar as representações sociais, assim, a produção do conhecimento

não deve estar atrelada a uma única classe, concebendo assim a aprendizagem como fenômeno multifacetado.

QUADRO 3 – Categoria 3: Valorização dos saberes

• Classes ✓ Respostas	Número de ocorrências
• Científico: ✓ Ciências ✓ Acadêmico ✓ Formal	 8 6 1
• Popular: ✓ Senso Comum ✓ Cotidiano ✓ Família	 5 4 3

Esta categoria tem como objetivo verificar quais saberes são os mais valorizados pelos universitários. A partir da apreciação das respostas foram criadas duas classes, “Científico” e “Popular” que serviram de indicadores para a análise dos resultados.

Conforme se pode observar no quadro 3, as respostas das duas classes em sua totalidade apresentaram um número de ocorrências aproximado, 15 para a classe Científico e 12 para a classe Popular.

Embora o número de ocorrências seja próximo percebe-se que os universitários estabelecem uma hierarquização entre eles onde o conhecimento científico destaca-se como fonte de conhecimento válido ou mais importante, corroborando com a análise dos resultados do Instrumento 1 – Questionário de Evocações de Palavras. O número de ocorrência dos resultados indicam uma valorização do conhecimento científico sobre o conhecimento popular reforçando as ideias propostas pela revolução científica do século XVII que defende o uso da razão teorizada como único caminho para o conhecimento verdadeiro (Khun,1982).

Segundo a fala de um dos universitários participantes “O conhecimento científico por atender a processos de observação e experimentação recebe o reconhecimento da comunidade científica e da sociedade de forma a explicar a realidade”.

Por outro lado, uma possível explicação para a pequena diferença entre os números de ocorrências referentes à valorização dos saberes científico sobre os populares está associada com a possibilidade de novas descobertas de conhecimento a partir dos saberes que acontecem no cotidiano nas experiências de vida. Santos (2003) propõe que os saberes populares e do senso comum são um ponto de partida na geração de conhecimentos para a interpretação da realidade.

Os estudos sobre as Representações Sociais apontam para a interdependência entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum na busca de compreender o real.

A teoria das Representações Sociais busca reconhecer não apenas a diversidade dos saberes, mas também a legitimidade destes como forma de interpretar o mundo. Há um número infinito de formações sociais que produzem um número infinito de formas diferentes de saber. Por isso, a importância de compreender o processo representacional, uma vez que ele ocupa um lugar central no processo de constituição dos saberes. (JOVCHELOVITCH, 2004)

O Quadro 4, a seguir, busca verificar na perspectiva dos universitários, as diferenças entre os saberes formais e os informais.

QUADRO 4 – Categoria 4: Diferenciação entre saber formal e informal

<ul style="list-style-type: none"> • Classes <ul style="list-style-type: none"> ✓ Respostas 	Número de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • Formal: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Acadêmico ✓ Científicos ✓ Teórico ✓ Advindos dos Livros 	 <p style="text-align: center;">9</p> <p style="text-align: center;">7</p> <p style="text-align: center;">4</p> <p style="text-align: center;">2</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Informal: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Senso Comum ✓ Cotidiano ✓ Experiências ✓ Cultura ✓ Família 	 <p style="text-align: center;">7</p> <p style="text-align: center;">6</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p style="text-align: center;">1</p> <p style="text-align: center;">1</p>

As respostas relacionadas com o saber formal são: acadêmico, científicos, teórico e advindos dos livros. Estas palavras estão associadas a conceitos epistemológicos de que o conhecimento deve utilizar de técnicas, instrumentos, testes e teorias para sua concepção. Nesta perspectiva a produção e disseminação de saberes formais restringem-se a espaços escolares, institucionalizados em que o processo educativo acontece de forma intencional. (LIBÂNEO, 2002)

Já o saber informal esta associado às palavras: senso comum, cotidiano, experiências, cultura e família, ou seja, diferentes do saber formal o informal acontece sem que haja um planejamento específico e, muitas vezes, sem que o próprio sujeito se dê conta de que esta se apropriando dele. As aprendizagens do saber informal acontecem nas experiências vividas na interação com o social, por isso pode-se dizer que elas acontecem ao longo da vida (SANTOS, 2002).

Se a produção do conhecimento acontece em todos os momentos, independente do espaço pode-se inferir que todas desempenham um papel no processo educativo humano.

Por fim será apresentada a Categoria 5 que busca verificar o reconhecimento dos saberes dos educandos por parte das Instituições Escolares, na perspectiva dos estudantes de pedagogia e futuros profissionais da educação.

QUADRO 5 – Categoria 5: Reconhecimento dos saberes dos educandos pela Instituição Escolar

• Classes	Número de ocorrências
✓ Respostas	
• Reconhece:	
✓ Sim	7
✓ Conhecimento prévio	4
	2

✓ Troca de experiências	1
✓ Métodos de ensino-aprendizagem	1
✓ Avaliação	
• Não reconhece:	
✓ Não	3
✓ Métodos de ensino	1
✓ Atitude do professor	1

O último quadro objetiva verificar na perspectiva dos universitários do curso de pedagogia o reconhecimento dos saberes dos educandos na percepção da instituição escolar. As respostas se dividem em duas categorias evidenciando o reconhecimento por parte de 7 participantes e 3 que não reconhecem.

Por a escola ser reconhecida na sociedade como um espaço predominante de produção e disseminação dos saberes por meio dos processos educativos tentamos analisar as percepções dos futuros professores da área.

De acordo com o número de ocorrências percebe-se que as instituições escolares reconhecem os saberes dos educandos quando valorizam o conhecimento prévio dos alunos e a troca de experiências entre eles. Desta forma, as novas pedagogias podem atender às necessidades do mundo contemporâneo e seu enfoque global no processo de ensino-aprendizagem. Daí a importância da relação entre o todo e suas partes na construção e transformação dos saberes (MORIN, 2001).

Conforme a resposta de um dos universitários “Eu acho que a escola reconhece os saberes dos educandos quando a escola busca trabalhar conhecimentos práticos e presentes no dia a dia dos alunos, trabalhando a partir de projetos de forma a contextualizar a aprendizagem de forma significativa e transformadora, por isso acho que eles são valorizados sim”. Outro universitário

respondeu “Eu acho que atualmente sim, porque hoje os professores tem menos resistência em aceitar os conhecimentos prévios dos alunos e suas opiniões. Eu vejo que as escolas estimulam o desenvolvimento dos alunos a partir de temas que sejam do seu próprio interesse e para mim isso é valorizar o saber do educando e antigamente não era assim”.

O conhecimento não é um simples reflexo do mundo externo, sua apropriação se dá pela tradução e reconstrução mental na interação do conhecimento preexistente com o novo. Os saberes devem então, ser compreendidos como um produto social, uma vez que ele acontece a todos os momentos e em todos os ambientes, na relação do sujeito com o outro e também com meio em que está inserido. A socialização produz uma representação que se constrói na ação de conhecer, compreender e fazer o conhecimento. (MOSCOVICI, 2003)

Devido as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do mundo contemporâneo as instituições escolares tem repensado suas metodologias e estratégias referentes ao processo de ensino-aprendizagem com o objetivo de formar “sujeitos capacitados a intervir e atuar na sociedade de forma crítica e criativa” (LIBÂNEO, 2002).

O conhecimento, a informação tem se mostrado de maneira muito dinâmica para o indivíduo, por isso, não dá mais para defender a ideia de que os saberes são verdades absolutas. Daí a importância do reconhecimento tanto do saber teórico que pode ser comprovado, quanto do saber prático como um aprendizado que se adquire na vida, passado de boca a boca e definido pelo senso comum. É fundamental que a sociedade moderna não reconheça somente o saber que está associado diretamente aos procedimentos educativos formais, científicos que obedecem a padrões sistematizados, pois assim acaba por limitar o conhecimento.

Por suas relações com a linguagem, com a ideologia, com o imaginário social e, principalmente, por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais, as representações sociais constituem elementos essenciais no processo de formação do indivíduo. Nesse sentido a teoria das Representações Sociais elaboradas por Moscovici consiste em compreender como se dá a incorporação dos diferentes saberes, do novo aos universos consensuais.

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre as representações sociais dos saberes, cuja investigação deu-se em torno da perspectiva de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília demonstrou com clareza que seus objetivos foram alcançados. A partir da análise dos dados levantados tratados à luz da teoria estudada, foi possível constatar que o grupo de universitários possui representações sociais diferentes sobre os saberes; e conseguiu-se verificar uma desvalorização do saber do senso comum em relação ao conhecimento científico, onde 15 respostas valorizam o saber científico e 12 respostas valorizam o saber popular. Conclui-se que a palavra conhecimento foi considerada o núcleo central das Representações Sociais dos Saberes. Utilizando-se de dois instrumentos diferenciados foi possível coletar os dados dos participantes e interpretar os resultados, com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses.

A constatação de diferentes representações sociais sobre os saberes pode ser verificada a partir da análise dos dados coletados pelos Questionários de Evocações de Palavras. Utilizando-se da Técnica de Associação Livre de Palavras e com o auxílio do software EVOC conseguiu-se identificar no núcleo central os seguintes termos como mais representativos sobre os saberes na seguinte ordem: conhecimento científico, conhecimentos, conhecimentos adquiridos e senso comum.

Os resultados mostram que a palavra conhecimentos está diretamente relacionada ao conceito de saber, pois elas funcionam como sinônimas e independente da forma de apreensão todos os conhecimentos são reconhecidos pela sociedade. Com destaque como mais representativo dos saberes pertencentes ao núcleo central, o termo conhecimento científico, ocupa o primeiro lugar na classificação e hierarquização das palavras evocadas pelos participantes como significações mais importantes.

Assim, as Representações Sociais dos saberes como conhecimento científico podem estar atreladas as concepções de racionalidade do século XVII, XVIII E XIX, como processo determinista que busca descrever os fenômenos naturais e humanos como único caminho para o conhecimento verdadeiro.

Porém, cabe ressaltar que a partir do século XX, com os estudos advindos da física quântica introduziu-se o conceito de incerteza no meio científico e a concepção determinista passou a ser amplamente criticada, uma vez que a função da racionalidade deve ser construir hipóteses, pois as verdades são provisórias, elas respondem as problematizações de cada época.

A partir de então os fenômenos que acontecem na prática cotidiana começaram a ser estudados como condição de sobrevivência humana que moldam os comportamentos das culturas. Segundo Cotrim (2002, p.46), o “[...] vasto conjunto de concepções geralmente aceitas como verdadeiras em determinado meio social recebe o nome de senso comum.”

É neste sentido que surge os estudos voltados para as Representações Sociais como forma de produção de conhecimento em ambientes informais, permitindo modificar o olhar em relação aos conhecimentos do senso comum como importantes para nutrir o conhecimento científico e, articulados poderem explicar a realidade. (MOSCOVICI, 1978).

Com o intuito complementar a apreciação dos resultados oriundos dos Questionários de Evocações de Palavras, a pesquisa verificou a compreensão dos universitários sobre os diferentes saberes, sua valorização e reconhecimento perante as instituições de ensino, analisando os dados obtidos por meio de um Roteiro de Entrevista.

Verificou-se que os universitários compreendem os saberes enquanto Formal e Informal. A classe formal abrange os conhecimentos regulados em ciências e teorias, ou seja, tem caráter intencional e buscam explicar os fenômenos do mundo mediante observação e experiências. Por sua vez a classe informal agrega os conhecimentos adquiridos nas práticas diárias, nas relações do sujeito com o outro e com o mundo, sem uma sistematização de conceitos, de forma intencional.

Os universitários também identificaram os saberes possibilitando classificá-los em Teórico e Prático. De acordo com as respostas apresenta-se como Teórico os conhecimentos acadêmicos, os escolares, os científicos, os de especificidade formal. Já os Práticos são os adquiridos na prática cotidiana, nas experiências, na cultura, nas relações do senso comum, da religião, da família, ou seja, de maneira

espontânea e informal. Percebe-se então uma dicotomia entre os saberes o que prejudica o processo educativo do indivíduo, ao limitar suas possibilidades de construção dos conhecimentos e transformação do mundo.

Após identificar os saberes, os estudantes informaram quais são os mais valorizados estabelecendo duas classes: Científico e Popular, indicando a valorização do conhecimento científico (15 ocorrências) em relação ao popular (12 ocorrências).

Esses dados corroboram com os resultados obtidos nos Questionários de Evocações de Palavras, em que, os universitários representam os saberes mais importantes como o conhecimento científico. Conforme exposto anteriormente, o conhecimento científico, durante muito tempo consolidou-se como princípio certo de explicar a realidade. No entanto, não se deve restringir a explicação do real a luz de um único conceito, uma vez que são vários os fenômenos que influenciam na interpretação do mundo.

[...] o valor que atribuímos à ciência, como aliás, nas religiões, depende, em suma, da ideia que fazemos coletivamente da sua natureza e do seu papel na vida; quer dizer, ela exprime um estado de opinião. É que de fato, tudo na vida social, inclusive a própria ciência, assenta na opinião (MOSCOVICI, 1978, P.45).

Inferese assim, a importância dos estudos sobre representações sociais como forma de produção do conhecimento socialmente elaborado, uma vez que elas são construídas pelo sujeito para se comunicar. Pois, mesmo não sendo sistematizado e planejado os conhecimentos advindos do senso comum favorecem à manutenção de valores sociais.

Por fim, a pesquisa constatou o reconhecimento dos saberes dos educandos por parte das Instituições escolares e evidenciou o reconhecimento na perspectiva de 7 universitários e do não reconhecimento na perspectiva de 3 universitários.

As respostas relacionadas com o reconhecimento dos saberes associam-se ao fato de que atualmente, os professores estão mais abertos a novas ideias que valorizam a troca de conhecimento e de experiências, ao dar legitimidade ao conhecimento preexistente, considerando-o como ponto de partida para construção do saber. Assim, podemos considerar que a escola tem buscado resignificar o seu papel na sociedade, atendendo ao pensamento contemporâneo de ruptura com os

universais determinantes e reducionistas, admitindo mesmo que lentamente, novos esboços e contornos para a prática educativa complexa, que valorize a liberdade e a flexibilidade no processo de ensino e aprendizagem.

Como se vê, há muito a ser explorado acerca das representações sociais dos saberes no âmbito educacional enquanto forma de produção do conhecimento oriundo da experiência pessoal, do senso comum e da cultura partilhada como forma de pensar e conceber o mundo. Nesse sentido, as análises das pesquisas mostraram que embora o conhecimento científico ainda esteja muito arraigado na simbolização das pessoas como o saber mais importante, os saberes do senso comum advindos da experiência, da prática cotidiana estão destacando-se nas práticas educativas. Pois o mundo contemporâneo tem revelado a necessidade de interar os mais diversos saberes frente ao pensamento complexo, possibilitando assim o movimento, a ruptura e a transformação.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ansiosa para colher os frutos que a graduação em Pedagogia ira me proporcionar. Agora me sinto realizada pela escolha que fiz, trabalhar com educação compreendendo os métodos e técnicas que embasam as explicações sobre o processo de ensino e aprendizagem satisfaz minhas vontades pessoais. Enquanto criança e adolescente nunca sobe exatamente com o que iria trabalhar na minha vida adulta, mas sempre senti que deveria ser com algum tipo de trabalho que possibilitasse estar envolvida com pessoas e não com máquinas, ou serviços técnicos.

A atuação profissional com processos educativos me possibilita adentrar diferentes áreas em espaços escolares e não escolares. Isso favorece mais ainda minha vontade por aprender e produzir, podendo mediar meus conhecimentos e saberes com os outros. Pelas possibilidades que a atuação como pedagoga pode me proporcionar tenho certeza de que poderei desenvolver trabalhos que ajudaram no crescimento de muitas pessoas.

Atualmente trabalho como docente da língua inglesa para ensino infantil e fundamental numa escola privada. Durante um tempo o trabalho como professora significou muitos saberes na minha vida e hoje guardo experiências que acrescentaram minha história e das pessoas que estão envolvidas nela ou que de alguma maneira passaram por ela.

Meus estudos no decorrer do curso na universidade foram promovendo uma necessidade de alcançar outros espaços. O trabalho como professora me satisfaz em parte porque eu gosto das práticas educativas e acredito que tenho habilidades, mas por outro lado as dificuldades que permeiam os espaços escolares como: má organização do trabalho, mão de obra pouco qualificada, questões burocráticas e desvalorização profissional desestimulam o exercício nesta carreira.

Acredito que muito ainda tem que ser melhorado no país no que se refere a sistema de ensino, a sociedade precisa modificar o olhar sobre a importância da educação para a emancipação do indivíduo. Enquanto o país não se utilizar de políticas públicas e voltar suas ações governamentais para projetos que beneficiem

o processo educativo para a conscientização humana, muitos obstáculos vão frear o desenvolvimento do mesmo. E a insatisfação dos profissionais que atuam no campo escolar continuaram a existir.

Aliado ao fato de o espaço escolar já não me satisfazer profissionalmente, meus estudos sobre a identidade dos pedagogos favoreceram uma busca por espaços que vão além da sala de aula. Com isso, tive suporte teórico para compreender o objeto de estudo da pedagogia e perceber que poderia ampliar meus horizontes sobre minha vida profissional sem deixar de atender o meu desejo de trabalhar com pessoas ajudando-as a apropriar-se de saberes e conseqüentemente na sua formação, porém, sob enfoques específico.

A partir de então comecei a estudar para concurso público, mas sempre com foco na atuação como pedagoga em órgão públicos. E hoje minha expectativa é conquistar uma vaga no serviço público e assim ter a oportunidade de vivenciar um universo de aprendizagem que certamente iram exigir de mim complementos relativos a minha formação acadêmica. Os próprios estudos de disciplinas como direito administrativo, constitucional, gestão de pessoas e políticas públicas já me instigam a querer conhecer mais ao estabelecer relações com meus saberes preexistentes. Estou super motivada tendo como objetivo desenvolver uma carreira profissional para além da escola, onde eu possa realizar um trabalho dinâmico, significativo e humanístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude. **O Estudo Experimental das Representações Sociais**. In: JODELET, Denise (Org.); ULUP, Lilian (Trad.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. 420p.

ALMEIDA, Guenther Carlos Feitosa de. **Os saberes da experiência como princípio da autoria docente**. Congresso Goiano de ciências do esporte, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v17n1/22304.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Representações Sociais: Aspectos Teóricos e Aplicações à Educação**. In: *Revista Múltiplas Leituras*, v.1, n. 1, p. 18-43, jan. / jun. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1169/1181>. Acesso em: 20. mar. 2012.

ARRUDA, Ângela. **Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero**. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 127-147, novembro/ 2002. Acesso em: 13. jun. 2012. Disponível em: Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1169/1181>. Acesso em: 22. abr. 2012.

BARDIN, L . **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, Nº 19, 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde19/rbde19_04_jorge_larrosa_bondia.pdf. Acesso em: 20. mar. 2012.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 15. ed. São Paulo : Saraiva, 2002.

FERNANDÉZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. / Alicia Fernández; trad. Neusa Kern Hickel. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. **Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos**. *Ci. Inf.*, Brasília, v.33, n. 3, p.26-34, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a04v33n3.pdf>. Acesso em: 20. jul. 2012.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

_____. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2006001200024&script=sci_arttext. Acesso em: 07. jul. 2012.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Psicologia Social, Saber, Comunidade e Cultura**. *Psicologia & Sociedade*; 16 (2): 20-31; maio/ago.2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a04v16n2.pdf>. Acesso em: 07. jul. 2012.

_____. *Teoria das Representações Sociais 50 anos / Ângela Maria de Oliveira Almeida, Maria de Fátima de Souza Santos, Zeidi Araujo Trindade, organizadores*. Brasília: Technopolitik, 2001.

_____. **Textos em representações Sociais**. / Pedrinho A. Guareschi, Sandra Jovchelovitch (orgs) – 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6. ed. – São Paulo, Cortez, 2002.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **A psicanálise: sua imagem e seu público**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

_____. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. / Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. – 8. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília – DF: UNESCO 2003.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 19, n. 55, 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a14v1955.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2012.

RANGEL, Mary. TEVES, Nilda. **Representação Social e educação: temas e enfoques contemporâneos de pesquisa.** (orgs.). Campinas, SP: Papirus, 1999. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.)

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** 3. ed. São Paulo : Cortez, 2001.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____. **Um discurso sobre as ciências.** 13. ed. Porto : Afrontamento, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2002.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum a consciência filosófica.** São Paulo: Cortez, 1989.

SCHWARTZMAN, Simon. **Saberes científicos e saberes populares.** Reunião Anual da Associação Brasileira de Antropologia. Vitória (1998). Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/ABA.htm>.> Acesso em: 20 abr. 2012.

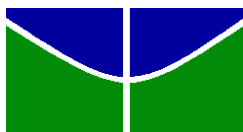
TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação N° 13, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n13/n13a02.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2012.

VERGÈS, P. **Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocationa.** Aix- en-Provence, version 2, abr. 1999.

VIEIRA, Adriane; LUZ, Talita Ribeiro da. **Do saber aos saberes: comparando as noções de qualificação e de competência.** 2005. Disponível em: <http://www.revistaoes.ufba.br/include/getdoc.php?id=752&article=629.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2012.

VITKOWSKI, José Rogério. **Epistemologia e Educação: Conhecimento para uma vida decente.** Analecta. Guarapuava, Paraná. V. 5, N° 1. P. 9-22, 2004. Disponível em: <http://www2.ufpa.br/ensinofts/artigo3/epistemologia.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2012.

APÊNDICE I



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Estamos interessados em saber sua opinião a respeito do tema SABERES. Assim, pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo ao instrumento. Ressaltamos que não existem respostas corretas, apenas queremos conhecer o que você pensa sobre o tema pesquisado. Todos os dados são sigilosos e não precisa se identificar.

Solicitamos a sua participação respondendo às seguintes questões abaixo:

1) Rapidamente escreva 6 (seis) palavras ou frases que na sua opinião completam a seguinte frase: **(ATENÇÃO: é extremamente importante que todas as linhas sejam preenchidas)**

Para mim os SABERES são

1)
2)
3)
4)
5)
6)

2) Agora, entre as 6 (seis) palavras ou frases acima citadas, indique a seguir as que você considera as mais importantes, na sua opinião:

1° mais importante: _____

2° mais importante: _____

3° mais importante: _____

3) Dê o significado da palavra e/ou frase que você apontou como sendo a mais importante e classificada em primeiro lugar:

Dados Pessoais:

Gênero: () Feminino () Masculino Idade: _____

Religião: _____ Estado civil: _____

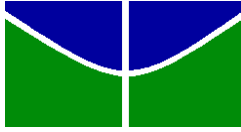
Filhos: () Sim () Não Quantos: _____

Formação Acadêmica Ensino Médio:

() Regular () Magistério () EJA Outro: _____

Trabalha () Sim () Não Aonde: _____

APÊNDICE II



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Esse roteiro de entrevista é objeto de um trabalho de pesquisa que visa colher dados para verificar a compreensão dos estudantes universitários sobre Representação Social e os Saberes e sua relação com a Educação. A presente pesquisa tem caráter estritamente acadêmico e faz parte do Trabalho Final Do Curso sobre a orientação da professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

O instrumento não é identificado, portanto sinta-se a vontade para responder a questões da forma como você realmente pensa. O preenchimento não tomará muito do seu tempo e desde já agradeço a sua colaboração.

Roteiro de Entrevista

- 1) O que são saberes para você?
- 2) Você identifica saberes diferentes? Quais?
- 3) Qual tipo de saber você valoriza mais?
- 4) Existem diferenças entre saber formal e o informal? Quais?
- 5) As instituições escolares reconhecem os saberes dos educandos?

Dados Pessoais:

Gênero: () Feminino () Masculino Idade: _____
Religião: _____ Estado civil: _____
Filhos: () Sim () Não Quantos: _____
Formação Acadêmica Ensino Médio:
() Regular () Magistério () EJA Outro: _____
Trabalha () Sim () Não Aonde: _____